

ESTUDO DO LIVRO DE CÂNTICO DOS CÂNTICOS

1. INTRODUÇÃO AO LIVRO

O título “Cântico dos Cânticos” comumente dado a esse breve e belíssimo livro é uma expressão que corresponde, literalmente, ao início do texto hebraico extraído da primeira frase de seu *sêfer*/rolo/livro: *Shir hashirim*. Trata-se de uma forma idiomática muito condensada cujo sentido pode ser explicado com propriedade como “o mais formoso dos cânticos” ou “o poema mais sublime”. Dessa forma, “Cântico dos Cânticos” significa o mais excelente dos poemas para musicais e melodias românticas. O livro tem sido intitulado de várias maneiras. O título usado por algumas versões bíblicas em português, “Cantares de Salomão”, é inexato, porquanto sugere pluralidade, enquanto o próprio conteúdo bíblico sugere unidade.

Na prática, esse livro tem sido negligenciado, desprezado, distorcido e, geralmente, mal-entendido. Cântico dos Cânticos é um poema distribuído em estrofes em que, alternadamente, um homem e uma mulher manifestam os seus recíprocos sentimentos com uma linguagem apaixonada, de alto nível literário e brilhante colorido. O poema é enfeitado de símiles e esplêndidas (e algumas vezes excêntricas) metáforas, e se orienta para a exaltação do amor entre homem e mulher, em uma irresistível e mútua atração que inspira as palavras e determina as atitudes dos dois. Em Cântico dos Cânticos, o esposo olha a esposa como um modelo de perfeições, contempla-a pelo cristal daquilo que considera mais apetecível, seja vinha ou fonte, jardim ou “nardo e açafraão” (Cântico dos Cânticos 1:6; 2:15; 4:12-14; 5:1; 8:12). A beleza dos dois e as delícias do amor são como os frutos da terra, os lírios, o vinho, o azeite ou o favo de mel (Cântico dos Cânticos 4:3,11; 5:1,13; 6:2,7; 7:7-9; 8:2). Também, desde os mais altos expoentes da lírica, o poema expressa, às vezes, a angústia pela ausência do amado (Cântico dos Cânticos 1:7; 3:1-3; 5:8), a felicidade do encontro (Cântico dos Cânticos 2:8-14; 3:4) e, sobretudo, o desejo intenso da mútua entrega (Cântico dos Cânticos 1:2-4; 8:1-3).

Ao longo da história, o sentido das metáforas propostas pelo Cântico dos Cânticos tem sido recusado, apesar da sua evidência. Na maior parte da história de sua interpretação, foi tratado como uma alegoria. Para muitos intérpretes, tanto judeus quanto cristãos, parecia impensável que, entre os livros da Bíblia, pudesse haver um livro cuja finalidade não fosse outra senão festejar a felicidade dos cônjuges unidos por um amor propriamente humano. Por isso, desde antigas datas, muitos buscaram encontrar no livro um segundo sentido, de estrita natureza religiosa, oculto por debaixo daquilo que aparece à primeira vista.

Assim, o judaísmo interpretou o livro como uma exaltação alegórica do Senhor com a nação de Israel. A maior parte dos revisores judeus o considerava uma releitura simbólica da história de Israel, na qual o homem representa Deus e a mulher cantora simboliza Israel. No período medieval, alguns intérpretes judeus enxergavam no livro uma alegoria filosófica.

Igrejas viram seu relacionamento com Cristo prefigurado nos protagonistas do poema (essa posição ganhou força na Reforma, especialmente entre os puritanos, provavelmente em parte por constrangimento em aceitar a ideia de um livro na Bíblia que fala sobre o amor íntimo). Alguns tratavam Cântico dos Cânticos como um símbolo do relacionamento de amor entre a alma humana e Deus.

Alguns intérpretes do catolicismo romano entenderam que a personagem central representava Maria, a mãe de Jesus.

Especialmente nos séculos dezenove e vinte, as interpretações dramáticas se tornaram populares. Nessas abordagens, o livro foi visto como uma peça em vários atos, envolvendo vários personagens. Em tempos recentes, tem se fortalecido a ideia de que Cântico dos Cânticos seja um drama a respeito do amor mútuo entre Salomão e uma jovem, e uma variação dessa teoria sugere que o poema diz respeito à tentativa malsucedida por parte de Salomão de cortejar uma moça que estava apaixonada por um pastor de ovelhas. Porém, um dos maiores problemas com essa abordagem é o fato de não ser um estilo literário usado pelos judeus (ou pelos povos próximos) na época em que o livro foi escrito.

No entanto, todos esses critérios, condicionados pelo próprio sentimento religioso daqueles que os sustentavam, têm obscurecido a interpretação mais provável, singela e imediata de Cântico dos Cânticos, bem como sua vinculação literária e de pensamento com antigos hinos de bodas da sociedade israelita. Eram canções

que eram entoadas, algumas pelos noivos, outras por familiares e convidados (Jeremias 25:10; 33:11), os quais bailavam e cantavam durante os sete dias de duração dos alegres festejos nupciais (Gênesis 29:27-28; Juízes 14:10; 14:17).

Assim, tendo em vista o fato de que cada uma dessas conjeturas era guiada apenas por pressuposições teológicas e pela imaginação do intérprete (não há duas interpretações alegóricas semelhantes), e nada no texto sugere que ele deva ser compreendido como alegoria, poucos estudiosos hoje defendem essas explicações, considerando-as como interpretações forçadas e sem fundamento textual. Explicações como essas exigem que o leitor se apoie em uma enorme quantidade de informações que não estão incluídas no livro. Acrescenta-se a isso o fato de que não existe analogia para uma literatura desse tipo no antigo Oriente Médio.

Tendo em vista que a maneira não histórica de interpretar essa porção das Escrituras Sagradas é contrária a princípios hermenêuticos (a arte ou técnica de interpretar e explicar um texto ou discurso) normalmente aplicados ao conhecimento e análise de textos bíblicos, os mais renomados estudiosos e exegetas há muito vêm compreendendo esse livro como um registro histórico do romance do rei Salomão e uma mulher sulamita (Cântico dos Cânticos 6:13). Os “instantâneos” no livro revelam as alegrias do amor no noivado e no casamento, contrapondo-se aos extremos do asceticismo e da lascívia. O lugar apropriado do amor físico, exclusivamente dentro do casamento, é claramente estabelecido e honrado. Dentro desse referencial histórico, certos comentaristas também conseguem enxergar algumas ilustrações do amor de Deus (e de Jesus Cristo) por seu povo.

Ao se examinar as possíveis abordagens, a interpretação mais coerente é que o livro se trata de um cântico de amor descrevendo o amor humano entre um homem e uma mulher. Autores antigos (Flávio Josefo, por exemplo) e autores modernos trataram o livro da forma mais óbvia: um poema ou cântico de amor.

Há questões quanto à quantidade de personagens principais. Alguns defendem a interpretação de três personagens principais: dois homens (o rei e um pastor camponês) procurando conquistar a mesma mulher, e outros tratam o livro como a descrição do amor entre apenas um homem e uma mulher.

Há também a questão de o livro ser histórico ou literário. Pode ser que o poema fale de uma relação histórica envolvendo o homem (possivelmente o próprio Salomão) e uma mulher, ou pode ser um cântico de amor que descreve a aproximação de noivo e noiva. Porém, nesse caso, teria uma característica notável de não identificar especificamente os personagens.

Pode também haver um aspecto tipológico no livro. Alguns autores juntam aspectos das interpretações de cântico de amor e alegoria, tratando o livro como uma mensagem principalmente sobre o amor humano, mas com uma aplicação ao amor de Cristo e a Igreja. É bom lembrar que, sendo ou não o ponto desse livro, a figura da união conjugal, tão belamente louvada por Cântico dos Cânticos, é usada frequentemente no Antigo Testamento como símbolo excelso da aliança de Deus com Israel (Jeremias 2:1-3; Ezequiel 16; Oseias 1-3), bem como no Novo Testamento, no tocante ao relacionamento de Cristo com a Igreja (Efésios 5:23-32; Apocalipse 21:2,9).

1.1. AUTORIA

Cântico dos Cânticos 1:1 nos diz que esse livro pode ter sido escrito por Salomão, filho de Davi e sábio entre os sábios, dentre os mais de 1.000 cânticos de sua autoria (1 Reis 4:32). Há também a possibilidade que Cântico dos Cânticos possa ter sido compilado por Salomão, ou que tenha pertencido a ele, ou ainda que foi composto para sua corte sob o patrocínio dele. A frase hebraica traduzida por “de Salomão” pode significar tanto que o poema foi dedicado a Salomão quanto que ele simplesmente seja o personagem a quem o poema faz referência. De qualquer forma, o fato indubitável é que o nome do rei pesou de modo definitivo em favor de que Cântico dos Cânticos fosse incluído entre os livros sapienciais do povo de Israel.

Muitos estudiosos de hoje rejeitam essas premissas, sugerindo que Cântico dos Cânticos seja uma obra pós-exílica do período persa. Alguns especialistas estão de acordo que o Cântico dos Cânticos, tal como tem chegado a nós, não é a obra de um único e determinado poeta. Segundo eles, trata-se, antes, de uma coleção de canções dos séculos 5 e 4 a.C., compostas por pessoas desconhecidas para que o povo as cantasse, e que foram compiladas, provavelmente, até o princípio do século 3 a.C. Nesse caso, não se deveria supor nenhuma espécie de estrutura estabelecida de antemão como preparação da obra poética. Assim, a unidade literária de Cântico dos Cânticos e a

coerência do seu pensamento não procederiam de nenhum plano prévio, mas de uma ideia geral que teria presidido, no seu dia, a compilação dos cânticos. No entanto, a evidência interna do livro não se enquadra bem com essas posições. O texto dá suporte à unidade de um cântico que foi designado como o Cântico dos Cânticos.

1.2. DESTINATÁRIOS

Cântico dos Cânticos é um poema de amor escrito para o povo de Deus, com a finalidade de honrar e celebrar o amor romântico e íntimo no contexto do relacionamento conjugal, como um presente divino.

1.3. PROPÓSITOS

É claro que o rei Salomão não oferece o melhor exemplo pessoal de devoção conjugal, uma vez que teve muitas esposas e concubinas (140 no momento que Cântico dos Cânticos foi escrito, conforme Cântico dos Cânticos 6:8, e depois muitas mais, até completar 1.000 mulheres, segundo 1 Reis 11:3). Contudo, é possível que esse livro reflita o único dos romances que, de fato, permaneceu gravado na sua alma como intenso e inesquecível.

A voz do amor no cântico, assim como a voz da sabedoria em Provérbios 8:1-9:12, é de uma mulher, comunicando a ideia de que o amor e o conhecimento atraem os homens de uma maneira poderosa. Essa voz feminina fala profundamente a respeito do amor, retratando sua beleza e seus prazeres, e vindicando a sua exclusividade na conhecida expressão hebraica transliterada: *“ani ledodi vedodi li”*, isto é, *“o meu amado é meu, e eu sou dele”* (Cântico dos Cânticos 2:16).

De fato, a obra em muito se assemelha à poesia de amor egípcia escrita durante os séculos anteriores à época de Salomão, embora sua mensagem seja muito mais sublime do que os poemas do Egito ou de qualquer outra região ou período da antiguidade. O entendimento do livro como um cântico de amor tem como ponto central a realização dos desejos dos noivos no casamento (lua de mel) em Cântico dos Cânticos 4:16; 5:1.

É importante evitar tendências de banalizar a mensagem do livro por meio de descrições de intimidade de uma forma explícita ou indecente. Deve-se ter em mente que, se a leitura de Cântico dos Cânticos provoca pensamentos impuros em alguém, há um indício de um problema de coração em não ser apreciada a beleza do amor (mesmo o amor íntimo) como algo puro preparado por Deus no contexto do casamento.

1.4. DATA DA PRIMEIRA PUBLICAÇÃO

Alguns estudiosos têm recorrido à linguagem do Cântico dos Cânticos como prova de data tardia, mas os dados linguísticos disponíveis aos especialistas até hoje são inconsistentes. No entanto, à exceção de algumas palavras de origem duvidosa, não há nada no livro em si que sugira uma data tardia. Em contrapartida, as indicações internas a favor da composição do livro na época de Salomão são bastante fortes. É de se notar que o estilo e a qualidade literária confirmam o raciocínio e a forma poética salomônica. Salomão reinou sobre Israel, aproximadamente, de 973 a 933 a.C. O conteúdo do livro sugere uma data no início do seu reinado, antes de tomar 700 mulheres e 300 concubinas.

Datar esse magnífico poema melódico e obra canônica por volta do século 10 a.C. e, portanto, durante o reinado de Salomão, é uma tarefa bem possível. De fato, a menção de Tirza e de Jerusalém juntas (Cântico dos Cânticos 6:4) tem sido usada para comprovar uma data ainda anterior ao rei Onri (885-874 a.C.), especialmente quando se considera 1 Reis 16:23-24, embora não esteja evidente a razão da citação de Tirza. Sendo assim, a datação mais aceita é justamente a mais tradicional: a data da primeira publicação da obra foi por volta do ano 950 a.C.

1.5. CURIOSIDADES

- A pele bronzeada pelo sol não era desejada pelas mulheres da elite daquele tempo (Cântico dos Cânticos 1:5);
- O termo *“irmã”* aparece no texto original e é uma expressão de carinho muito comum nas poesias de amor do antigo Oriente Médio, não se referindo à irmandade de sangue (Cântico dos Cânticos 4:9);

- A mandrágora era associada com a capacidade de despertar a atração física e com o aumento da fertilidade (Cântico dos Cânticos 7:13).

1.6. TEMAS

Os temas de Cântico dos Cânticos incluem:

- **O amor é um belo dom de Deus:** Cântico dos Cânticos é uma poesia de amor que articula o belo relacionamento entre marido e mulher. Seus versos lembram ao povo de Deus que a intimidade sexual no casamento é um dom divino e deve ser valorizada e desfrutada. O amor é retratado como algo precioso (Cântico dos Cânticos 8:7), espontâneo (Cântico dos Cânticos 2:7) e poderoso (Cântico dos Cânticos 8:6-7);
- **Satisfação conjugal:** Cântico dos Cânticos demonstra que a satisfação sexual somente pode ser encontrada no relacionamento conjugal (Cântico dos Cânticos 2:16). O amor expresso no livro é cheio de ternura, agradável e natural – não é vergonhoso nem humilhante. O amado e a amada veem a si mesmos como seres iguais, elogiando um ao outro e compartilhando as iniciativas;
- **O amor é prazeroso, mas também doloroso:** a alegria é a nota dominante do livro, mas o leitor é advertido que o amor é um sentimento poderoso que pode trazer desapontamentos (Cântico dos Cânticos 5:2-6:3). A jovem protagonista repetidamente advertiu as amigas a não apressarem o amor (Cântico dos Cânticos 2:7; 3:5; 8:4). O amor tem um lado perigoso (Cântico dos Cânticos 8:6), por isso deve ser tratado com cuidado.
- **O foco adequado ao amor romântico e à intimidade sexual do casamento:** tanto o amor romântico quanto a intimidade conjugal são dons de Deus para o prazer, de forma pura, do homem e sua mulher. Da mesma forma que o autor do livro falou do amor humano com decência e beleza, os leitores podem e devem tratar do assunto com pureza de pensamento.

1.7. ESTRUTURA

Para o propósito deste estudo, abordaremos o texto simplesmente como uma história contada por meio do cântico:

- O desejo dos noivos esperando o casamento (Cântico dos Cânticos 1:2-2:7);
- O distanciamento e reaproximação dos noivos (Cântico dos Cânticos 2:8-3:5);
- O casamento e a noite das núpcias: o amor consumado (Cântico dos Cânticos 3:6-5:1);
- Depois do casamento (Cântico dos Cânticos 5:2-7:10);
- A reafirmação do amor do casal (Cântico dos Cânticos 7:11-8:14).

2. ESTUDO DO CÂNTICO DOS CÂNTICOS

Na leitura e estudo do livro, é importante prestar atenção na linguagem empregada para descrever o amor e a intimidade (esperada e realizada) entre o homem e a mulher. Por exemplo:

- **O jardim representa a sexualidade da noiva:** o jardim fechado (Cântico dos Cânticos 4:12) representa a virgindade preservada antes do casamento. O jardim oferecido (Cântico dos Cânticos 4:16) representa a amada se entregando ao noivo na noite do casamento. O jardim aceito (Cântico dos Cânticos 5:1) representa que, ao casar com ela, o amado entra no jardim e toma para si seus frutos;
- **Diversas figuras representam as características da noiva e do noivo:** a beleza dela foi comparada às éguas do faraó (Cântico dos Cânticos 1:9) e ao lírio dos vales (Cântico dos Cânticos 2:1-2); os olhos dela foram comparados às pombas (Cântico dos Cânticos 1:15); a proteção que o amado oferece a ela foi

comparada à sombra da macieira (Cântico dos Cânticos 2:3); os cabelos dela foram comparados a um rebanho de cabras (Cântico dos Cânticos 4:1); os dentes dela foram comparados a um rebanho de ovelhas tosquiadas (Cântico dos Cânticos 4:2); o pescoço dela foi comparado à torre de Davi com seus escudos (Cântico dos Cânticos 4:4).

As citações são da versão Nova Almeida Atualizada.

O DESEJO DOS NOIVOS ESPERANDO O CASAMENTO

Cântico dos Cânticos 1:1: “{1:1} Cântico dos cânticos de Salomão.”

1:1 – Outra tradução possível para “*de Salomão*” é “*dedicado a Salomão*”. Esse é o “maior dos cânticos” (outro possível nome ao livro, em hebraico), o qual pode estar entre os 1.005 cânticos escritos (ou ditados a um amanuense) pelo rei Salomão (1 Reis 4:32). O nome de Salomão é mencionado em Cântico dos Cânticos 1:5; 3:7,9,11; 8:11-12. O uso do superlativo hebraico sugere que o livro seja o melhor dos cânticos, ou o maior em extensão (assim como “*Santo dos Santos*” significa “Lugar Santíssimo” em Êxodo 26:33 e “*rei dos reis*” quer dizer “o mais poderoso dos reis” em Ezequiel 26:7). Entre os 1.005 cânticos, essa foi a única das obras que foi divinamente inspirada e, portanto, faz parte do cânon das Escrituras Sagradas.

Cântico dos Cânticos 1:2-4: “{1:2} *Beije-me com os beijos de sua boca! Porque o seu amor é melhor do que o vinho. {1:3} Suave é o aroma dos seus perfumes; como perfume derramado é o seu nome. Por isso, as donzelas o amam. {1:4} Leve-me com você! Vamos depressa! O rei me introduziu nos seus aposentos. Exultaremos e nos alegraremos por sua causa; do seu amor nos lembraremos, mais do que do vinho. Não é sem razão que o amam.*”

1:2 – Nessa primeira parte do cântico estão evidentes os pensamentos dos dois noivos antes do casamento. Eles falam da sua admiração mútua, do seu desejo de estar juntos, da sua incerteza e insegurança, etc. Percebem-se algumas dificuldades nas transições entre personagens, especialmente entre as duas pessoas principais (o rei e uma jovem sulamita, conforme Cântico dos Cânticos 6:13) e as outras pessoas, as filhas de Jerusalém. Por exemplo, é difícil dizer se as palavras em Cântico dos Cânticos 1:8 foram faladas pelas filhas de Jerusalém ou pelo rei. No entanto, essas pequenas diferenças sobre as transições não alteram o entendimento geral. Aqui a amada considera o rei atraente e ela deseja seus beijos, comparando o amor dele como sendo mais agradável do que o vinho.

Na primeira parte também há várias palavras relacionadas com o amor, as quais aparecem também em outros lugares: “*vinho*” (Cântico dos Cânticos 1:2), “*perfume*” (Cântico dos Cânticos 1:3), “*vinhas*” (Cântico dos Cânticos 1:6), “*lírio*” (Cântico dos Cânticos 2:1), “*pombinha*” (Cântico dos Cânticos 2:14) e “*frutos*” (Cântico dos Cânticos 4:16). Na expressão “*seu amor é melhor*” o texto hebraico traz “os seus amores são melhores”, referindo-se às manifestações concretas de gestos de amor, e não do sentimento em si. A respeito da expressão “*do que o vinho*”, mais tarde, o noivo disse o mesmo da noiva (Cântico dos Cânticos 4:10).

1:3 – A amada, assim como as outras moças, se sentia atraída pelo rei tanto pelo seu “*perfume*” quanto pelo “*seu nome*”. Isso indica que o amado tinha uma boa reputação: um bom nome comparável a um bom perfume e, portanto, as moças se interessavam pelo caráter dele.

Os perfumes eram feitos por meio da mistura de espécies aromáticas com resinas em um óleo cosmético. Com relação à palavra “*perfume*”, em hebraico, nos primeiros versículos, há um jogo de palavras de som semelhante: *shem* (nome), *shemen* (perfume), *Shelomo* (Salomão) e *Yerushalaim* (Jerusalém).

A palavra “*donzelas*” provavelmente é uma referência às jovens da corte ou da cidade régia (Cântico dos Cânticos 6:8-9). Existem no Antigo Testamento duas palavras traduzidas em nosso idioma por “*virgem*” ou “*donzela*”. A palavra *bethûlâh* é amplamente aceita como o termo técnico hebraico para a moça não casada e, portanto, virgem. A palavra *almâh* pressupõe uma jovem em idade de casamento ou, se o contexto o exigir, uma jovem casada.

1:4 – A amada estava ansiosa para estar com seu amado, e ele a aceitou, levando-a para seus aposentos. Como é evidente nos próximos capítulos, a introdução da amada nos aposentos do rei não sugere que os dois

partilharam de intimidade antes do casamento, mas a introdução dela ao palácio real para conhecê-lo, pois eles estavam em uma fase de noivado.

As “filhas de Jerusalém” (Cântico dos Cânticos 1:5) que fazem o coro frequente no livro reforçam os sentimentos sobre como o rei era desejável. Alguns exegetas entendem que a amada tenha dito “Leve-me com você” e o coro das donzelas teria replicado “Vamos depressa!”, e que a expressão “O rei me introduziu nos seus aposentos” seria uma figura imaginada pela jovem expressa em voz alta.

Para alguns intérpretes, toda a peça remete ao desejo dos cristãos, ou da Igreja, em relação ao céu, para onde caminham todo o dia.

Cântico dos Cânticos 1:5-7: “{1:5} *Eu sou morena e bonita, ó filhas de Jerusalém, como as tendas de Quedar, como as cortinas de Salomão. {1:6} Não olhem para a minha pele morena, porque o sol me queimou. Os filhos de minha mãe se indignaram contra mim e me puseram por guarda das vinhas; mas a minha vinha, que me pertence, não a guardei. {1:7} Diga-me, ó amado de minha alma: onde você apascenta o seu rebanho? Onde você o faz repousar ao meio-dia? Diga, para que eu não ande vagando junto ao rebanho dos seus companheiros.*”

1:5 – Na época, havia um padrão de beleza que valorizava a pele branca de mulheres nobres protegidas do Sol. A amada poderia ter sido desprezada por ter sido morena. Porém, ela reconheceu sua própria formosura, comparando a si mesma com as “tendas de Quedar” e as “cortinas de Salomão”.

As “filhas de Jerusalém” provavelmente são as demais donzelas de Cântico dos Cânticos 1:3. “Quedar” era um território no deserto da Arábia pelo qual passavam beduínos conhecidos por seus rebanhos, uma tribo do norte da Arábia que, segundo Gênesis 25:13, era aparentada com Israel. As cortinas das tendas eram tecidas manualmente com pelo negro de bode. As “tendas de Quedar” eram escurecidas, assim como “as cortinas de Salomão”, as quais, certamente, eram lindas obras de arte.

1:6 – Aqui está a explicação sobre a pele morena da moça: foi bronzeada por causa do Sol. Na época, isso não era desejado pelas mulheres da elite. Ela se apresentou como alguém que foi colocada pelos irmãos para tomar conta das vinhas dos outros e, portanto, teve que trabalhar debaixo do Sol. Os irmãos dela, por alguma razão, se indignaram com ela e a fizeram trabalhar exposta aos raios solares. A expressão “a minha vinha, que me pertence, não a guardei” se refere ao próprio corpo da moça, como em Cântico dos Cânticos 8:12 (veja também Cântico dos Cânticos 2:15). A vinha é uma metáfora adequada, visto que produz vinho, e as emoções do amor são comparadas às emoções que são produzidas pelo vinho (Cântico dos Cânticos 1:2). Ou seja, por ter tido a obrigação de trabalhar nas vinhas, ela não pôde cuidar de si mesma em relação a se proteger dos raios solares.

1:7 – Aqui há o início de um diálogo entre a amada e o amado. Ela deseja estar com ele, não perdendo tempo com os rebanhos dos outros. Isso pode ter sido uma maneira de ela mostrar a vontade de estar sozinha com ele, sem as críticas das outras moças. A amada pode ter sido de uma família cujas mulheres contribuía com o trabalho de cuidar de rebanhos, além de cuidar das vinhas dos outros (Cântico dos Cânticos 1:6).

A palavra “vagando” aparece segundo versões antigas. Em hebraico, pode ser traduzida como “coberta” (com um véu). Em algumas traduções, como a Nova Versão Internacional, a amada disse que, se não encontrasse o amado, ela se sentiria envergonhada como se fosse uma mulher que andava sem véu entre os rebanhos dos companheiros do amado. Uma mulher solteira, naquela época e cultura, se não estivesse coberta, poderia ser vista como uma prostituta, o que ocasionaria vergonha.

Cântico dos Cânticos 1:8-11: “{1:8} *Se você, a mais linda das mulheres, não o sabe, siga a trilha das ovelhas e faça as suas cabritas pastarem junto às tendas dos pastores. {1:9} Comparo você, minha querida, a uma égua entre as carruagens do faraó. {1:10} Como são belas as suas faces entre os brincos; seu pescoço, com os colares de joias! {1:11} Faremos para você brincos de ouro com incrustações de prata.*”

1:8 – As palavras aqui podem ter sido faladas pelas outras donzelas ou pelo rei. Se foram ditas pelas donzelas, elas se interpuseram no diálogo entre os noivos e disseram à amada que, se ela não soubesse onde encontrar o rebanho do rei, que seguisse as pegadas dos rebanhos e fosse apascentar seus cabritos diante das tendas dos pastores. Nesse caso, parece que as outras donzelas menosprezaram a moça, talvez sugerindo que ela

“voltasse para casa”. A expressão “*a mais linda das mulheres*” (que também aparece em Cântico dos Cânticos 5:9; 6:1, onde falam as donzelas) pode até ter um tom de ironia. Se foi o rei que disse as palavras, depois de elogiar a amada, ele provavelmente estava dando pistas de um local para marcar um encontro, o qual seria próximo ao rebanho de cabritos dela e das tendas dos pastores. Essa parece a opção mais provável, tendo em vista que a amada chegou a se encontrar com o amado em Cântico dos Cânticos 1:12.

1:9 – No antigo oriente, a comparação em que a amada era como “uma égua entre as carruagens do faraó” transmitia ideias de excelência e beleza. A comparação de pessoas com certos animais era um elogio. Certamente, as éguas dos carros do faraó eram animais belos e selecionados. O Egito foi conhecido por seus excelentes cavalos, e o rei comparou a beleza da jovem a esses animais magníficos.

1:10 – O amado descreveu a beleza do rosto e do pescoço da amada falando dela como adornada com brincos e um colar. A palavra “*brincos*” é a tradução provável. Uma vez que o termo hebraico deriva de uma raiz que pode significar “ir dando voltas”, pensa-se em uma joia de forma redonda, como brincos ou pendants. Outros preferem traduzir por “tranças”.

1:11 – Uma vez que a beleza da amada foi colocada em evidência com os adornos, as filhas de Jerusalém, em voz de coro, disseram que farão enfeites de ouro com incrustações de prata para ela.

Cântico dos Cânticos 1:12-14: “{1:12} Enquanto o rei está assentado à sua mesa, o meu nardo exala o seu perfume. {1:13} O meu amado é para mim como um sachê de mirra, posto entre os meus seios. {1:14} O meu amado é para mim como um ramallete de flores de hena nas vinhas de En-Gedi.”

1:12 – A moça se preparou para se encontrar com o rei, perfumando-se, o que demonstra como ele era importante para ela, e como ela desejava ser agradável a ele. Provavelmente os dois estavam comendo juntos.

Outra expressão para “*está assentado à sua mesa*” é “se sinta no seu divã”. Essa expressão alude, provavelmente, ao antigo costume de comer reclinado sobre tapetes, ao redor de uma mesa muito baixa. O “*nardo*” é um óleo aromático extraído de uma planta que cresce na Índia setentrional e oriental.

1:13 – Aqui há uma alusão ao costume de se levar amarrado ao pescoço um saquinho com essências aromáticas. O amado foi comparado a esse “*sachê de mirra*”, sendo guardado próximo ao coração e sempre exalando aroma agradável, o que pode ser comparável à alegria da moça em se lembrar dele.

A “*mirra*” é uma resina aromática extraída das raízes de uma erva perene que cresce na Arábia, na Etiópia e na Índia, provavelmente utilizada como um sedutor perfume feminino (Ester 2:12; Provérbios 7:17). Também era usada para perfumar os mantos nupciais reais (Salmo 45:8), era um dos ingredientes do óleo sagrado da unção (Êxodo 30:23), e era usada até mesmo para embalsamar cadáveres (João 19:39).

1:14 – A amada comentou sobre o amado em termos de aromas agradáveis, considerando-o como a fragrância refrescante de perfume potencializada pela imagem da beleza de um oásis, a qual sempre contrasta com a paisagem de um deserto.

A “*hena*” é um arbusto da Palestina (talvez o cipreste), com flores aromáticas em cachos compactos. Possui flores com um cheiro muito penetrante, e as folhas eram usadas pelas mulheres do oriente para a preparação de tinturas e cosméticos. “*En-Gedi*” é um nome hebraico que significa “Fonte da Cabra” e designa um oásis irrigado por uma fonte, localizado na margem oeste do Mar Morto, no meio de rochas muito escarpadas.

Cântico dos Cânticos 1:15: “{1:15} Como você é bela, minha querida! Como você é bela! Os seus olhos são como pombas.”

1:15 – O amado respondeu com mais um comentário sobre a beleza dela (Cântico dos Cânticos 4:1; 7:6), destacando a beleza dos olhos de sua amada. As “*pombas*” provavelmente são uma referência à forma dos olhos (Cântico dos Cânticos 5:12) e ao destaque dado pelos cosméticos aos olhos femininos (Cântico dos Cânticos 4:1).

Em Cântico dos Cânticos 1:15-2:1, os noivos cantam respondendo um ao outro.

Cântico dos Cânticos 1:16-17: *“{1:16} Como você é belo, meu amado! Como é encantador! O nosso leito é de viçosa relva. {1:17} As vigas da nossa casa são os cedros, e o nosso teto são os ciprestes.”*

1:16 – A moça respondeu, elogiando a beleza de seu noivo e enfatizando como ele era amado para ela. A jovem começou a pensar no futuro, imaginando a casa do casal. Ela imaginou o leito deles como se fosse de “viçosa relva”. O leito de folhas verdes e saudáveis pode representar uma mistura da vida simples e agradável do campo com o luxo da casa de um rei.

1:17 – Vigas da casa feitas de cedro e teto de cipreste podem ser uma maneira de descrever o amor especial e delicado no contexto da casa firme e segura do casamento. Cedros, por exemplo, não eram nativos de Israel e normalmente eram trazidos do Líbano. Entretanto, eram usados com frequência na Bíblia como símbolos de orgulho e poder. Em Jó 40:17, Jó descreveu um animal muito grande, o qual apenas Deus podia controlar, e comparou sua cauda ao cedro.

O casamento nos tempos patriarcais era um acontecimento festivo. Uma pequena tenda era erguida em separado para servir de câmara nupcial aos noivos na noite de núpcias (2 Samuel 16:22; 19:4-5). Essa tenda normalmente era redonda, montada pelas mulheres no início da noite. Como parte da tarefa, elas também preparavam a cama para o casal de noivos. Os mais pobres, que não podiam dispor dessa privacidade, preparavam uma repartição na tenda dos pais do noivo. Quando chegava o pôr do sol, algumas moças, parentes do noivo, entravam na tenda dos pais da moça e acompanhavam a recém-casada até a câmara nupcial, na qual ela tinha as relações íntimas com seu esposo.

Cântico dos Cânticos 2:1: *“{2:1} Eu sou a rosa de Sarom, o lírio dos vales.”*

2:1 – A amada se identificou como uma flor. A palavra hebraica traduzida por “rosa” se refere a uma classe especial de flores, mas o seu significado exato é duvidoso. Em geral, se costuma pensar no narciso ou no jacinto. Há uma boa chance de ser a tulipa. “Sarom” é o nome da planície estreita que se estende ao longo da costa do Mar Mediterrâneo, ao sul do Monte Carmelo, conforme 1 Crônicas 5:16; Isaías 35:2; 65:10.

Cântico dos Cânticos 2:2-6: *“{2:2} Como um lírio entre os espinhos, assim é a minha querida entre as donzelas. {2:3} Como a macieira entre as árvores do bosque, assim é o meu amado entre os jovens. Desejo muito a sua sombra e debaixo dela me assento, e o seu fruto é doce ao meu paladar. {2:4} Ele me levou à sala do banquete, e o seu estandarte sobre mim é o amor. {2:5} Sustentem-me com passas, confortem-me com maçãs, pois estou morrendo de amor. {2:6} A sua mão esquerda está debaixo da minha cabeça, e a direita me abraça.”*

2:2 – O amado estendeu a ilustração de Cântico dos Cânticos 2:1 para fazer um contraste entre sua querida, representada pelo “lírio”, e as outras donzelas, representadas pelos “espinhos”, inferindo que sua amada é muito mais graciosa e bela do que as outras donzelas.

Nessa “fase inicial”, pode ser observada a atração mútua e a linguagem empregada pelos dois noivos. Ela considerou o rei como seu amado (Cântico dos Cânticos 1:13-14,16; 2:3), e ele a chamou de “querida” (Cântico dos Cânticos 1:15; 2:2).

2:3 – A moça respondeu ao elogio feito pelo amado e também o destacou dos demais jovens. Ela continuou com figuras de árvore e frutas para descrever o amor e o cuidado do seu amado para ela. Assim como uma macieira oferece sombra e frutas desejáveis, o rei era desejável para a amada.

Compreendendo que a macieira não é uma árvore comum na Palestina, alguns estudiosos sugerem aqui apenas um recurso literário para descrever o que seria na realidade uma planta de albricoque ou damasco. De qualquer forma, a figura usada aponta para a ideia do amor real, seguro e confiante (Salmos 9:1; 17:8; 121:5; Isaías 25:4; 49:2).

2:4 – A amada quis estar em companhia do seu amado em um local separado especialmente para eles, estando debaixo do estandarte do rei, seu amado.

A expressão traduzida por “*sala do banquete*” (literalmente “*casa do vinho*”, que também aparece em Ester 7:7-9; Jeremias 16:8; Daniel 5:10) tem sido interpretada de diversas maneiras distintas. Alguns pensam em uma pousada ou hospedaria, outros em uma cabana construída nas vinhas, onde os vinhateiros descansavam e bebiam.

A expressão “*e o seu estandarte sobre mim é o amor*” significa que o amor do rei pela moça era para ser visto por todos como uma grande bandeira militar. Um estandarte era símbolo de honra e poderio de uma nação e de seu governante – aqui, o estandarte era o amor entre eles. Outra tradução possível para essa expressão seria “os teus olhares para mim foram: amor”.

2:5 – A amada usou uma figura em que ela passou fome e desejou se alimentar de frutas. O alimento, as frutas, “*passas*” e “*maçãs*”, representam o amor que o rei oferecia, sendo provavelmente metáforas das carícias e abraços amorosos. A “*fome*” da amada representa o anseio por esse amor. A ideia de “*desfalecer de amor*” também é encontrada em Cântico dos Cânticos 5:8.

2:6 – A amada almejou o carinho do abraço do seu amado.

Cântico dos Cânticos 2:7: “*{2:7} Filhas de Jerusalém, jurem pelas gazelas e pelas corças selvagens que vocês não acordarão nem despertarão o amor, até que este o queira.*”

2:7 – O encerramento da primeira parte do poema usou duas expressões características do livro: “*Filhas de Jerusalém, jurem pelas gazelas e pelas corças*” (Cântico dos Cânticos 2:7; 3:5; 5:8; 8:4). Em três das quatro vezes que essa expressão aparece no livro, é acompanhada por “*que vocês não acordarão nem despertarão o amor, até que este o queira*” (Cântico dos Cânticos 2:7; 3:5; 8:4). Não é sensato apressar ou forçar o amor. Os noivos ansiavam pelo desfrutar do amor entre eles, mas isso teve que esperar para depois do casamento. Esse versículo é repetido em Cântico dos Cânticos 3:5 e, parcialmente, em Cântico dos Cânticos 8:4.

As “*gazelas*” e as “*corças*” são mencionadas com frequência no restante do livro, como em Cântico dos Cânticos 3:5; 7:3; 8:14. São animais célebres pela forma e beleza.

O DISTANCIAMENTO E REAPROXIMAÇÃO DOS NOIVOS

Cântico dos Cânticos 2:8-10: “*{2:8} Ouço a voz do meu amado. Eis que ele vem, saltando sobre os montes, pulando sobre as colinas. {2:9} O meu amado é semelhante ao gamo ou ao filho da gazela. Eis que ele está detrás de nossa parede, olhando pelas janelas, espreitando pelas grades. {2:10} O meu amado fala e me diz: ‘Levante-se, minha querida, minha linda, e venha comigo.’*”

2:8 – A amada ouviu a voz do seu amado e o viu vindo dos montes, saltando sobre as colinas. Ele estava se dirigindo até a moça. Cântico dos Cânticos 2:11-12 indica a reaproximação dos dois. Assim, parece que os noivos estavam separados por algum tempo, mas o amado foi até sua amada.

2:9 – O amado foi comparado a um “*gamo*” ou “*filho da gazela*” pulando sobre as colinas para chegar. O gamo é uma figura apropriada para o vigor da juventude (Isaías 35:6), e a gazela é conhecida por sua beleza e forma, e também pelo jeito gracioso de saltar. Então, ele olhou pelas janelas e espreitou pelas grades da casa em que a amada se encontrava, no campo, procurando-a. Essa casa pode ter sido a casa dela e da família dela no campo, pois ela mencionou a expressão “*nossa parede*”. Cântico dos Cânticos 2:8-9 denota a ansiedade do amado em chegar e, talvez, alguma timidez em abordar a moça, talvez por ser a casa da família dela.

2:10 – No cântico, a moça falou a expressão “*O meu amado fala e me diz:*” e, então, o rei continuou a falar. Ele pediu para que ela se levantasse, elogiando-a, e então a convidou para vir com ele.

Cântico dos Cânticos 2:11-14: “*{2:11} Porque eis que passou o inverno, a chuva cessou e se foi, {2:12} aparecem as flores na terra, chegou o tempo de cantarem as aves, e já se ouve a voz da rolinha em nossa terra. {2:13} A figueira começou a dar seus figos, e as vinhas em flor exalam o seu aroma. Levante-se, minha querida, minha linda, e venha comigo. {2:14} Minha pombinha, escondida nas fendas dos penhascos, no esconderijo das rochas escarpadas, mostre-me o seu rosto, deixe-me ouvir a sua voz; porque a sua voz é doce, e o seu rosto é lindo.*”

2:11 – O amado disse que *“passou o inverno, a chuva cessou e se foi”*. O inverno e a chuva representam a separação entre os dois, ou seja, esse tempo de separação passou e tinha chegado a hora de os noivos se verem novamente.

2:12 – Flores aparecendo na terra, o tempo de cantarem as aves e a voz da rolinha sendo ouvida são figuras de coisas agradáveis da natureza que ocorrem na primavera – a época romântica onde se valoriza o amor dos casais.

2:13 – Figueiras dando figos e vinhas em flor exalando seus perfumes são mais figuras agradáveis da primavera que simbolizam o romantismo do amor de um casal. O rei convidou a moça para vir com ele mais uma vez, chamando-a de *“querida”* e *“linda”*.

2:14 – O amado usou as palavras *“Minha pombinha”* como expressão de carinho. Pombas simbolizam pureza, gentileza, simplicidade e desejo (Cântico dos Cânticos 5:2,12; 6:9). O amado também elogiou as características atraentes da sua amada: a formosura, a voz doce e o rosto bonito dela. Os elogios reforçaram o convite feito em Cântico dos Cânticos 2:10,13. Então ele pediu para que ela saísse de seu *“esconderijo”*, o qual foi representado pela expressão *“fendas dos penhascos, no esconderijo das rochas escarpadas”*.

Cântico dos Cânticos 2:15-17: *“{2:15} Peguem as raposas, as raposinhas, que devastam os vinhedos, porque as nossas vinhas estão em flor. {2:16} O meu amado é meu, e eu sou dele; ele apascenta o seu rebanho entre os lírios. {2:17} Antes que rompa o dia e fujam as sombras, volte, meu amado. Venha correndo como o gamo ou o filho das gazelas sobre os montes de Beter.”*

2:15 – Em Cântico dos Cânticos 2:15-16, o casal estava junto e contente. A ideia principal parece ser que os dois desejaram a tranquilidade de estar juntos, livres de preocupações.

Ao que parece, as *“raposas”* e *“raposinhas”* simbolizaram qualquer coisa ou pessoa que ameaçasse prejudicar a *“plantação de uvas”*, isto é, o amor que unia os dois. O fato de ela dizer para *“apanhar as raposas e raposinhas”* é uma alusão à ideia de proteger o amor do casal dos problemas, os quais seriam representados pelas raposas. Raposas são mencionadas nos textos antigos como transtornos para os vinhateiros porque elas comiam as uvas verdes.

2:16 – A expressão *“O meu amado é meu, e eu sou dele; ele apascenta o seu rebanho entre os lírios”* reflete a segurança do amor mútuo quando o casal está junto. O amor deles é mútuo e exclusivo (Cântico dos Cânticos 6:3; 7:10): eles pertencem um ao outro em um relacionamento que não permite intromissão. O pastoreio do rebanho entre lírios é uma metáfora do amado desfrutando o amor com a amada (Cântico dos Cânticos 6:2-3).

2:17 – A amada pediu para que seu amado voltasse aos montes por onde veio antes que o dia terminasse. Quando o dia termina, isto é, o Sol se põe, as sombras causadas pela luz solar desaparecem e a temperatura se torna mais amena. Da mesma forma que fez quando o amado veio em Cântico dos Cânticos 2:8-9, a amada comparou a forma na qual ele se deslocava sobre os montes como o deslocamento do gamo ou da gazela. Assim, depois de desfrutar da companhia de sua amada, ele se foi novamente por algum tempo.

Alguns interpretam esse versículo como uma resposta negativa dela, ou, pelo menos, de ela dizer que ainda não chegou a hora de aceitar a proposta dele. Outros entendem isso como uma separação normal onde ele teve que voltar para seus afazeres, mas ela esperava que ele voltasse logo. Ela poderia também, simplesmente, estar preocupada para que ele não fosse embora muito tarde, durante a noite, período no qual seu retorno seria mais perigoso.

“Beter” foi o nome dado a certas montanhas que possivelmente se situavam perto do Líbano. Eram os montes que separavam a amada de seu amado e pareciam quase intransponíveis, mas mesmo assim o amado foi até ela. A expressão *“montes de Beter”* também pode ser traduzida como *“montes escabrosos”*. Parece que os montes foram chamados de *“escabrosos”* porque separavam os dois noivos. O termo hebraico deriva de uma raiz que significa *“cortar”* ou *“dividir em dois”*.

Cântico dos Cânticos 3:1-5: *“{3:1} De noite, na minha cama, busquei o amado de minha alma; busquei-o, mas não o achei. {3:2} Eu me levantarei agora e rodearei a cidade, pelas ruas e pelas praças; buscarei o amado da minha alma. Busquei-o, mas não o achei. {3:3} Os guardas, que rondavam a cidade, me encontraram. Então lhes perguntei: ‘Vocês viram o amado da minha alma?’ {3:4} Mal os deixei, encontrei logo o amado da minha alma. Agarrei-me a ele e não o deixei ir embora, até que o fiz entrar na casa de minha mãe e no quarto daquela que me concebeu. {3:5} Filhas de Jerusalém, jurem pelas gazelas e pelas corças selvagens que vocês não acordarão nem despertarão o amor, até que este o queira.”*

3:1 – O que se seguiu pode ser um sonho ou algum cenário imaginário (fantasia) da moça (como em Cântico dos Cânticos 5:2-4, ou em Cântico dos Cânticos 5:2-7, ou Cântico dos Cânticos em 5:5-7). Ela acordou de noite e buscou seu amado, mas ele não estava na casa onde ela estava – presume-se que a casa onde ela estava era a casa da mãe dela (Cântico dos Cânticos 3:4). Como foi apenas no próximo versículo que ela disse *“Eu me levantarei”*, aqui ela ainda não tinha se levantado da cama.

Alguns exegetas acreditam que Cântico dos Cânticos 3:1-4 apresenta um paralelo da Igreja ansiando por seu amado, o Senhor, e por sua Palavra reconfortante nos momentos de escuridão – uma figura do cristão que ama a Deus e que o busca dia e noite em orações (Josué 1:8; 1 Tessalonicenses 5:17) e aguarda com fé, mas ansiosamente, por seu retorno (Tito 5:17).

3:2 – Como a moça não encontrou seu amado, decidiu se levantar, sair de casa e vasculhar a cidade *“pelas ruas e pelas praças”* para tentar encontrá-lo. Ela procurou, mas ainda não o achou.

3:3 – Na sua busca, até o momento, a jovem apenas foi encontrada por alguns guardas da cidade que faziam sua ronda. Ela perguntou a eles se viram seu amado.

Os guardas se colocavam a postos diante das portas da cidade (Neemias 11:19) e nos muros (2 Samuel 13:34; 18:24-27; 2 Reis 9:17-20; Salmo 127:1; Isaías 62:6). Ao que parece, eles também patrulhavam as ruas durante a noite (Cântico dos Cânticos 5:7).

3:4 – Pouco depois de falar com os guardas e deixá-los, a amada encontrou seu amado, segurou-o, e não o deixou ir embora, insistindo que ele entrasse na casa da mãe dela – presume-se que é a casa onde ela estava antes de sair (Cântico dos Cânticos 3:1-2). Parece que a casa da mãe dela se situava na cidade, enquanto a casa do restante da família (seus irmãos) estava no campo (Cântico dos Cânticos 2:9). Se isso foi um sonho ou cenário imaginário (fantasia) da amada, acabou aqui.

3:5 – Assim como em Cântico dos Cânticos 2:7, o encerramento dessa parte do cântico usou duas expressões características do livro: *“Filhas de Jerusalém, jurem pelas gazelas e pelas corças selvagens”* (Cântico dos Cânticos 2:7; 3:5; 5:8; 8:4). Em três das quatro vezes que essa expressão aparece no livro, é acompanhada por *“que vocês não acordarão nem despertarão o amor, até que este o queira”* (Cântico dos Cânticos 2:7; 3:5; 8:4). Não é sensato apressar ou forçar o amor – os noivos teriam que esperar até o casamento para usufruir do amor íntimo. Esse versículo foi repetido em Cântico dos Cânticos 2:7 e, parcialmente, em Cântico dos Cânticos 8:4.

As *“gazelas”* e *“corças”* foram mencionadas com frequência no restante do livro, como em Cântico dos Cânticos 2:7; 7:3; 8:14. São animais célebres pela forma e beleza.

Algumas observações e sugestões até aqui:

- A atração mútua é evidente desde o início, mas ainda assim leva tempo para o amor amadurecer e chegar a ponto de um compromisso entre os dois;
- O amor e o desejo dos dois estarem juntos é descrito em termos lindos, citando as coisas da natureza e das experiências dos dois. O amado usou figuras conhecidas da vida dele na cidade e do contato com outras nações. A amada usou figuras do campo e da vida dos pastores e seus rebanhos;
- A vida continua. A separação por causa da distância e das obrigações deles significa a necessidade de esperar para estarem juntos;

- Os dois demonstraram a vontade de casar. Ele ofereceu o convite para ela, e ela, mais tarde, saiu procurando até achar seu amado;
- Os dois conheciam a vida do outro. A impressão do cântico é de duas pessoas de circunstâncias bem diferentes. Ele, o rei, conhecia as regalias do palácio, e ela conhecia a vida do campo. Ela chegou até o palácio (Cântico dos Cânticos 1:4) mas voltou para sua casa. Ele chegou à casa da mãe dela (Cântico dos Cânticos 3:4).

O CASAMENTO E A NOITE DAS NÚPCIAS: O AMOR CONSUMADO

Cântico dos Cânticos 3:6-11: “{3:6} *O que é aquilo que vem subindo do deserto, como colunas de fumaça, perfumado de mirra, de incenso e de todos os tipos de pós aromáticos do mercador?* {3:7} *É a liteira de Salomão. Vem escoltada por sessenta valentes, dos melhores valentes de Israel.* {3:8} *Todos sabem manejar a espada e são treinados para a guerra; cada um leva a espada na cintura, por causa dos temores noturnos.* {3:9} *O rei Salomão mandou fazer um palanquim de madeira do Líbano.* {3:10} *As colunas eram de prata, o encosto de ouro, o assento de púrpura, e o interior foi enfeitado com carinho pelas mulheres de Jerusalém.* {3:11} *Saiam, ó filhas de Sião, e venham ver o rei Salomão com a coroa com que sua mãe o coroou no dia do seu casamento, no dia da alegria do seu coração.*”

3:6 – A partir daqui se observa os pensamentos dos dois em relação às núpcias e o início da vida conjugal. O texto não é totalmente claro sobre se Salomão veio junto com sua liteira (Cântico dos Cânticos 3:7) ou se ela veio vazia para levar a moça. Em qualquer dos dois casos, o efeito foi o mesmo, pois os dois estariam presentes para o casamento: a liteira foi escoltada pelos servos e valentes enviados pelo rei para trazer sua amada em segurança até Jerusalém para o casamento dos dois (Cântico dos Cânticos 3:7-8). A chegada foi visível para todos e foi feita com honra devida à realeza. Veio do deserto e pareceu subir como colunas de fumaça, isto é, podia ser vista de longe. A liteira estava perfumada com as fragrâncias dos aromas agradáveis que os mercadores tinham de melhor.

A indagação “*O que é aquilo que vem subindo do deserto, como colunas de fumaça, perfumado de mirra, de incenso e de todos os tipos de pós aromáticos do mercador?*” é uma pergunta retórica utilizada como artifício literário para a introdução da descrição que se seguiu imediatamente, como também acontece em Isaías 60:8; 63:1; Jeremias 46:7.

O “*deserto*” é uma referência aos gramados não cultivados da estação, e não ao deserto com dunas de areia. As especiarias utilizadas para fazer o incenso eram importadas.

O texto de Cântico dos Cânticos 3:6-11 descreveu um imponente cortejo nupcial que pode ter sido um coro cantado pelas donzelas de Jerusalém (como em Cântico dos Cânticos 8:5). O casamento judaico tradicional do Antigo Testamento fazia uma “*coroação*” do noivo como o “*rei da festa*”. Sem dúvida, também era a tradição nesse período que a noiva fosse submetida a uma “*coroação cerimonial*”, a qual a transformava em “*rainha*” enquanto durasse a celebração (Ezequiel 16:8-13). Parece que, em algumas ocasiões, os homens chegavam à casa do noivo e participavam de um banquete (Gênesis 29:22), enquanto as mulheres, incluindo a noiva, participavam de uma festa separada, na casa dos pais da noiva.

3:7 – A “*liteira de Salomão*” foi usada para o transporte de uma pessoa – o próprio rei ou a jovem que logo se tornaria sua esposa. A liteira, também chamada de palanquim, era um veículo, geralmente para uma pessoa, que consistia em uma espécie de leito ou assento coberto que era preso a traves. Essas traves eram levadas nos ombros de homens ou, às vezes, no dorso de elefantes ou camelos. A escolta formada pelos sessenta guerreiros lembra os trinta amigos que acompanhavam Sansão durante o seu banquete nupcial (Juízes 14:11).

3:8 – A pessoa a ser transportada na liteira estava protegida pela escolta de sessenta homens aptos para combate, prontos para agir em sua defesa. Os “*temores noturnos*” provavelmente eram saqueadores que atacavam ao cair da noite.

3:9 – O “*palanquim*” foi feito com o cuidado e luxo dignos de um casamento real. Era feito de “*madeira do Líbano*”, uma alusão ao famoso cedro do Líbano. As montanhas do Líbano eram célebres pela beleza e qualidade dos seus cedros (1 Reis 5:6; 2 Reis 14:9).

3:10 – Além de a liteira ser feita de madeira dos cedros do Líbano, “As colunas eram de prata, o encosto de ouro, o assento de púrpura, e o interior foi enfeitado com carinho pelas mulheres de Jerusalém”. Ela foi preparada especialmente para aquele momento. As traves que sustentavam a liteira eram, provavelmente, feitas de cedro revestido de prata e ouro.

3:11 – As “filhas de Sião” presenciaram o início da cerimônia do casamento. É possível que os termos “filhas de Jerusalém” (Cântico dos Cânticos 3:10) e “filhas de Sião” identifiquem grupos diferentes. Parece que as filhas de Jerusalém seriam as mulheres e moças da corte real, enquanto as filhas de Sião seriam as mulheres da cidade em geral. A mãe de Salomão (Bate-Seba) coroou seu filho com a coroa do desposório, um ato parecido com o costume atual do pai da noiva entregá-la ao noivo no casamento. A coroa é uma referência à grinalda nupcial. Assim, foi descrito o casamento de Salomão com a jovem sulamita (Cântico dos Cânticos 6:13).

“Sião” é o nome da colina onde estava edificado o templo. Às vezes, o Antigo Testamento empregou esse nome como designação poética de toda a cidade de Jerusalém (Salmo 2:6).

Cântico dos Cânticos 4:1-5: “{4:1} Como você é bela, minha querida! Como você é linda! Os seus olhos são como pombas e brilham através do véu. Os seus cabelos são como um rebanho de cabras que descem ondeantes do monte de Gileade. {4:2} Os seus dentes são como um rebanho de ovelhas recém-tosquiadas, que sobem do lavadouro; cada uma tem o seu par, e nenhuma está faltando. {4:3} Os seus lábios são como um fio de escarlata, e a sua boca é linda. As suas faces, como romã partida, brilham através do véu. {4:4} O seu pescoço é como a torre de Davi, edificada para arsenal; mil escudos pendem dela, todos escudos de soldados valentes. {4:5} Os seus seios são como duas crias gêmeas de uma gazela, que pastam entre os lírios.”

4:1 – As qualidades da beleza física da noiva foram ressaltadas com comparações da parte do amado. O mesmo aconteceu em Cântico dos Cânticos 6:4-10; 7:1-9. Os dois se casaram e passaram a ser esposo e esposa. No dia do casamento, o esposo comentou sobre a beleza física da sua esposa, especificamente sobre sete características dessa beleza. Aqui ele falou dos olhos dela “como pombas” novamente (a mesma expressão de Cântico dos Cânticos 1:15), destacando a beleza dos olhos de sua amada. No momento do casamento, os olhos estavam parcialmente escondidos atrás do véu, mas ainda podiam brilhar. Ele também falou aqui sobre os cabelos dela “como um rebanho de cabras que descem ondeantes do monte de Gileade” – uma descrição que vem do contexto rural da experiência da jovem.

Outra tradução para “brilham através do teu véu” é “escondidos atrás do teu véu”. O véu era usado principalmente pelas virgens, para que não fossem vistas por outras pessoas fora do círculo dos seus familiares próximos. Era uma desonra uma virgem ser surpreendida na rua sem o véu, ou que um homem o levantasse (Cântico dos Cânticos 4:3; 6:7).

As “pombas” provavelmente são uma referência à forma dos olhos (Cântico dos Cânticos 5:12) e ao destaque dado pelos cosméticos aos olhos femininos (Cântico dos Cânticos 4:1).

As cabras da Palestina, especialmente da época do cântico, eram em geral negras com pelos lustrosos (Cântico dos Cânticos 1:5), como os cabelos do esposo (Cântico dos Cânticos 5:11). As tranças negras que corriam da cabeça da esposa faziam o amado lembrar de um rebanho de cabras negras, de pelo macio, descendo em fileira de uma das colinas de Gileade, as quais eram notáveis por suas boas pastagens e vigoroso gado (Miqueias 7:14; Números 32:1). A comparação pode se referir também às ondas dos cabelos, que “ondulavam” de forma parecida com os rebanhos que desciam saltitando pelas ladeiras das montanhas.

Os estudiosos que veem no livro analogias à Igreja lembram sobre o amor e o prazer que Cristo tem nas belezas estampadas na sua esposa (a Igreja), maravilhas criadas e desenvolvidas nos cristãos pelo próprio Senhor (Salmo 45:9; Efésios 5:27; Apocalipse 21:2). Assim como o homem aprecia a beleza física da mulher, Cristo aprecia a Igreja imaculada e santa.

4:2 – Esse mesmo texto é encontrado em Cântico dos Cânticos 6:6. O esposo comparou os dentes da sua esposa “como um rebanho de ovelhas recém-tosquiadas, que sobem do lavadouro; cada uma tem o seu par, e nenhuma está faltando.” Nessa comparação, nota-se aspectos atraentes dos dentes dela: são brancos como ovelhas logo depois do

banho e tosa, e há número completo de pares – todos gêmeos, sem falta. As “*ovelhas recém-tosquiadas, que sobem do lavadouro*” estavam limpas, brancas e umedecidas, como os dentes dela.

4:3 – Ele continuou elogiando a beleza dela, falando de seus lábios “*como fio de escarlate*”: os lábios da esposa eram vermelhos, talvez porque ela os pintasse da mesma forma que as mulheres egípcias. A boca dela era formosa. As faces dela brilhavam através do véu, arredondadas e enrubescidas como uma romã – a polpa da romã é avermelhada e, no oriente antigo, as sementes de romãs eram símbolo de fertilidade.

4:4 – O esposo fez uma comparação do pescoço de sua esposa com uma “*torre de Davi*” que tinha escudos pendurados. Uma “*torre de Davi*” específica nunca foi encontrada, mas sem dúvida a expressão significa uma referência notável de beleza e magnificência – o pescoço ereto e adornado da amada era belo como uma torre adornada com escudos de guerreiros (conforme Cântico dos Cânticos 7:4). Provavelmente, ele falou da aparência do pescoço dela adornado com um colar (Cântico dos Cânticos 4:9; Isaías 61:10).

4:5 – O esposo usou mais figuras da natureza para descrever a beleza do corpo de sua esposa. A inclusão desse comentário aqui se enquadra bem no contexto da noite das núpcias, e não antes disso. Os dois agora estavam casados e, por isso, ele pôde fazer elogios das partes mais íntimas dela. A expressão “*duas crias gêmeas de uma gazela*”, a qual aparece também em Cântico dos Cânticos 7:3, passa a ideia de que essas partes do corpo dela têm simetria – é um par igual, com beleza tenra e delicada (a gazela é célebre por sua forma e beleza). Expressões que falam de rebanhos “*que pastam entre os lírios*” são metáforas do esposo desfrutando o amor exclusivo com a esposa (Cântico dos Cânticos 6:2-3).

Cântico dos Cânticos 4:6-16: “{4:6} *Antes que rompa o dia, e fujam as sombras, irei ao monte da mirra e à colina do incenso. {4:7} Você é toda linda, minha querida, e em você não há defeito. {4:8} Venha comigo do Líbano, minha noiva, venha comigo do Líbano. Desça do alto do monte Amana, do alto do Senir e do Hermom, dos covis dos leões, dos montes dos leopardos. {4:9} Você roubou meu coração, meu amor, minha noiva; roubou meu coração com um só dos seus olhares, com uma só pérola do seu colar. {4:10} Como são agradáveis as suas carícias, meu amor, minha noiva! O seu amor é melhor do que o vinho, e o aroma do seu perfume é mais suave do que todas as especiarias! {4:11} Os seus lábios destilam mel, minha noiva. Mel e leite se acham debaixo da sua língua, e o cheiro dos seus vestidos é como o cheiro do Líbano. {4:12} Meu amor, minha noiva, você é um jardim fechado, um manancial recluso, uma fonte selada. {4:13} Os seus renovos são um pomar de romãs com frutos excelentes: henas com nardos, {4:14} nardo e açafrao, cálamos e cinamomo, com todo tipo de árvores de incenso, mirra e aloés, com todas as principais especiarias. {4:15} Você é fonte dos jardins, poço de águas vivas que correm do Líbano! {4:16} Desperte, vento norte, e venha, vento sul! Soprem no meu jardim, para que se derramem os seus aromas. Que o meu amado venha ao seu jardim e coma os seus frutos excelentes!”*

4:6 – A moça passou a falar. Antes que o dia terminasse (ou seja, à noite as sombras vão embora e a temperatura torna-se menor), ela falou de ir “*ao monte da mirra e à colina do incenso*”. Não se trata de um monte e de uma colina de forma literal, mas de uma imagem poética que pode aludir aos seios dela – a mirra e o incenso podem aludir ao costume de ser levado amarrado ao pescoço um saquinho com essências aromáticas. Em Cântico dos Cânticos 1:13, o amado foi comparado ao “*sachê de mirra*” guardado próximo ao coração, sempre exalando aroma agradável. A ideia parece ser algo como se ela dissesse que iria aos montes, esperando que o esposo fosse junto – uma espécie de convite para ele desfrutar das núpcias.

4:7 – O rei voltou a falar. Ele respondeu e não a forçou, nem agiu com pressa. Antes de fazer um convite no próximo versículo, ele usou palavras de amor que valorizaram sua esposa. Ele a chamou de “*minha querida*”, dizendo que ela era formosa e sem defeito.

4:8 – O esposo convidou sua esposa para “*sair dos montes*” para estar com ele, citando os nomes de alguns dos montes mais conhecidos, provavelmente continuando com o pensamento dela descrito em Cântico dos Cânticos 4:6. Parece que havia leões e leopardos nos locais citados, talvez mencionados para “*assustar*” a amada e incentivá-la a vir a ele mais rapidamente, algo como dizer: “*Desça logo e venha comigo, pois aí há covis de leões e leopardos.*”

“*Líbano*”, “*Amana*” e “*Hermom*” eram picos montanhosos no horizonte norte. O Amana é um dos cumes do Antilíbano, ao norte do monte Hermom. Ali se origina o rio Abana, mencionado em 2 Reis 5:12. Segundo

Deuteronômio 3:9, “*Senir*” era o nome que os antigos habitantes da Palestina usavam para se referir ao monte Hermom, também encontrado em fontes assírias. Eleva-se cerca de 2.800 metros e permanece coberto de neve durante todo o ano. Em 1 Crônicas 5:23, os dois nomes parecem se referir a montes distintos.

4:9 – O esposo falou da preciosidade do amor de sua esposa que conquistou seu coração, demonstrando respeito total pela pessoa dela. Tanto o olhar dela quanto sua formosura, ainda que fosse ressaltada por apenas um dos adornos, era suficiente para fazer o coração do rei palpitar por ela.

É interessante o carinho e respeito na expressão repetida aqui, “*meu amor, minha noiva*”, a qual também pode ser traduzida como “*minha irmã, noiva minha*”. Na poesia do antigo oriente, era bastante frequente chamar de “irmão” ou “irmã” a pessoa amada (Cântico dos Cânticos 4:10,12; 5:1-2). Não se trata do sentido para denotar “do mesmo pai” ou “da mesma mãe”, mas de uma expressão de ternura. O termo “*noiva*” foi utilizado com uma conotação de carinho, pois ela passou de noiva para esposa do rei.

4:10 – Ao mesmo tempo em que o amado desejou a relação íntima com sua esposa, continuou respeitand-a como pessoa e procurando protegê-la. A relação íntima no seu contexto certo, como ato de amor entre marido e esposa, é muito mais do que apenas um ato de gratificação física. O esposo também descreveu o amor da esposa usando várias figuras. Aqui ele disse que o amor dela é melhor do que um bom vinho (Cântico dos Cânticos 1:2) e que o aroma do perfume dela era melhor do que todos os tipos de especiarias.

As especiarias eram artigos de luxo importados (1 Reis 10:2; Ezequiel 27:22) usados para a fragrância do óleo da unção (Êxodo 25:6) e dos perfumes.

4:11 – O esposo comparou o gosto do beijo da esposa como sendo agradável como mel e leite, e a fragrância do vestido dela era mais agradável do que o aroma dos cedros e arbustos perfumados do Líbano. Os povos do Oriente Médio associavam os deleites do amor à doçura. “*Mel*” e “*leite*” são dois termos empregados comumente no pentateuco para descrever a fertilidade e abundância da terra prometida (Êxodo 3:8).

4:12 – O esposo comparou sua esposa como um “*jardim fechado*”, “*manancial recluso*”, “*fonte selada*”. São metáforas da virgindade dela e do fato de ela se guardar exclusivamente para o marido. O “*jardim*” denota um lugar de deleites físicos, constituindo uma metáfora adequada do corpo da sulamita (Cântico dos Cânticos 4:16; 5:1; 6:2,11; 8:13). As palavras “*manancial*” e “*fonte*” representam mananciais de refrigério, metáforas da esposa no contexto da relação íntima (Provérbios 5:15-20).

4:13 – Até o momento em que a esposa se entregou ao marido pela primeira vez, ela continuou sendo um jardim fechado. Ele sabia que “*ela tinha frutas deliciosas no jardim*” e “*ele sentia fragrâncias agradáveis*”. Mas ele aguardou pacientemente para ela “*abrir o jardim*” e se oferecer para ele.

As características que davam prazer ao esposo vieram da esposa. A palavra “*pomar*” vem da palavra hebraica *pardes*, da qual deriva a palavra portuguesa “*paraíso*”, originária da palavra do antigo persa que significa “*parque*” ou “*recinto fechado*”. Em Neemias 2:8 e Eclesiastes 2:5, o termo se refere a parques e a florestas da realeza. A “*hena*” é um arbusto da Palestina (talvez o cipreste), com flores aromáticas em cachos compactos. Possui flores com um cheiro muito penetrante, e as folhas eram usadas pelas mulheres do oriente para a preparação de tinturas e cosméticos. O “*nardo*” é um óleo aromático extraído de uma planta que cresce na Índia setentrional e oriental.

4:14 – O esposo continuou elogiando sua esposa. Todas as especiarias relacionadas aqui representam as coisas agradáveis que ele encontrava nela.

O “*açafrão*” é uma variedade de *Crocus sativus*, com flores roxas ou brancas que, depois de secas, eram usadas como especiaria de cozinha. O “*cálamo*” é uma cana aromática, especiaria provavelmente importada da Índia, também usada no óleo da unção (Êxodo 30:23,25) e no incenso (Isaías 43:23-24). O “*cinamomo*” também era usado no óleo sagrado da unção (Êxodo 30:23,25) e também como perfume sedutor (Provérbios 7:17). A “*mirra*” é uma resina aromática extraída das raízes de uma erva perene que cresce na Arábia, na Etiópia e na Índia, provavelmente utilizada como um sedutor perfume feminino (Ester 2:12; Provérbios 7:17). Também era usada para perfumar os mantos nupciais reais (Salmo 45:8), era um dos ingredientes do óleo sagrado da unção (Êxodo 30:23), e

era usada até mesmo para embalsamar cadáveres (João 19:39). O “aloés” é uma árvore originária da Índia cuja madeira produz um perfume muito agradável, usado para perfumar as vestes nupciais reais (Salmo 45:8).

4:15 – O esposo continuou elogiando sua esposa com comparações com coisas agradáveis. A expressão “*fonte dos jardins, poço de águas vivas que correm do Líbano*” se refere às águas frescas e brilhantes provenientes dos campos nevados das montanhas do Líbano.

4:16 – A esposa passou a falar. A ênfase nos versículos anteriores estava nos sentimentos do rei e do seu desejo de estar com sua esposa. Ela então chamou os ventos para que levassem as fragrâncias agradáveis do amor para ele. Ela abriu o jardim e reconheceu que passou a pertencer a ele: “*Que o meu amado venha ao seu jardim e coma os seus frutos excelentes!*”

Cântico dos Cânticos 5:1: “*{5:1} Já entrei no meu jardim, meu amor, minha noiva. Colhi a minha mirra com as especiarias, comi o meu favo com o mel, bebi o meu vinho com o leite. Comam e bebam, meus amigos; até ficarem embriagados de amor.*”

5:1 – O esposo entrou e aceitou as coisas agradáveis do jardim, ou seja, reivindicou sua esposa como seu jardim e desfrutou todos os deleites que ela proporcionava – a esposa foi o jardim do amado, onde desfrutaram juntos a felicidade de um e do outro (Cântico dos Cânticos 4:9). As figuras de linguagem aqui querem dizer que a relação íntima tinha ocorrido. O esposo também convidou seus amigos a beber e comer, obviamente não do jardim dele (sua esposa), mas na festa de comemoração de seu casamento. A expressão “*meu amor, minha noiva*” também pode ser traduzida como “*minha irmã, noiva minha*”, e o termo “*irmã*” não denota o significado de “do mesmo pai” ou “da mesma mãe” – é uma expressão de ternura comum na poesia do antigo oriente.

Embora a expressão “*Comam e bebam, meus amigos; até ficarem embriagados de amor*” possa ter sido falada pelo próprio rei, há a possibilidade de ter sido cantada por um coro, talvez das donzelas, ou talvez até por um “poeta narrador”. De qualquer forma, a ideia é que os amigos do noivo partilham da festa do casamento. A expressão “*ficarem embriagados de amor*” não significa que os convidados deveriam se embriagar com vinho e muito menos se envolver com a recém-casada, mas que deveriam aproveitar a festa de casamento em que havia muito amor para celebrar. O “*amor*” nesse contexto tem o sentido de amor fraternal.

Observa-se o casamento aqui como algo público, um compromisso assumido diante de outros. Ao mesmo tempo, o esposo não se esqueceu da importância desse dia para a esposa. Ele focalizou a beleza dela e se mostrou paciente, esperando o momento certo para ter a relação íntima. A figura do jardim é poderosa e importante: primeiro, o jardim estava fechado (antes do casamento); depois, abriu-se para o marido e ocorreu a transferência dos direitos sobre o jardim, que passou a ser o jardim dele (casamento); apenas depois disso ele colheu os frutos (relação íntima). Relações íntimas são permitidas apenas após o casamento.

DEPOIS DO CASAMENTO

Cântico dos Cânticos 5:2-7: “*{5:2} Eu dormia, mas o meu coração estava acordado. Eis a voz do meu amado, que está batendo: ‘Deixe-me entrar, meu amor, minha querida, minha pombinha sem defeito, porque a minha cabeça está cheia de orvalho, e os meus cabelos, das gotas da noite.’ {5:3} Já tirei a minha túnica! Como posso vesti-la outra vez? Já lavei os pés! Como voltar a sujá-los? {5:4} O meu amado meteu a mão pela fresta, e o meu coração estremeceu. {5:5} Eu me levantei para abrir a porta ao meu amado. As minhas mãos destilavam mirra, e os meus dedos deixavam escorrer mirra preciosa sobre a tranca da porta. {5:6} Abri a porta ao meu amado, mas ele já tinha se afastado e ido embora. Eu tinha estremecido, quando ele me falou. Busquei-o, mas não o achei; chamei-o, mas ele não respondeu. {5:7} Os guardas, que rondavam a cidade, me encontraram; eles me espancaram e me feriram; os guardas das muralhas tomaram o meu manto.*”

5:2 – O assunto dessa parte do cântico é a maneira na qual o casal enfrentou alguns desafios depois de casar. Depois disso, observa-se o amadurecimento do amor deles. A mudança de assunto sugere um intervalo de tempo entre Cântico dos Cânticos 5:1 e Cântico dos Cânticos 5:2. Depois da cerimônia do casamento, a noite das núpcias e a festa com os amigos, houve uma separação. Pode ter sido apenas uma separação devido às circunstâncias da vida (trabalho ou outras responsabilidades), mas essa parte do livro abriu com a esposa sozinha no quarto ou na casa ouvindo o marido batendo na porta para entrar.

A moça estava dormindo quando o marido chegou e pediu para entrar. A linguagem dos dois não sugere atrito: ela o chamou de *“meu amado”* e ele usou várias expressões de carinho: *“meu amor, minha querida, minha pombinha sem defeito”*. Ele chegou de fora e comentou sobre o orvalho da noite – talvez ele tivesse acabado de retornar do trabalho ou de uma viagem – e quis entrar. A amada até mesmo mencionou que, enquanto dormia, o coração dela *“estava acordado”*, ou seja, estava ansioso pelo retorno do esposo.

5:3 – Ao invés de abrir logo para o marido entrar, a esposa reclamou do incômodo e não quis se levantar, dando a desculpa de que já tinha tirado a túnica e teria que vesti-la novamente, e que já tinha lavado os pés, e teria que sujá-los novamente. Não há citação de nenhum problema específico entre os dois. Aparentemente, o problema do comportamento dela foi apenas a indisposição de se levantar e abrir a porta. Esse tipo de coisa acontece com frequência depois de um tempo de os cônjuges estarem na rotina da vida de casados. Esse tipo de comportamento e atitude prejudica muitos casamentos e causa desgaste gradativo no afeto. No versículo anterior ela tinha dito que o coração dela ansiava pelo o retorno do marido, mas ainda assim relutou em abrir a porta.

Algumas palavras hebraicas e gregas de modo geral significam *“profanar”, “corromper”, “tornar impuro”*. Ela pode ter tido receio de tornar os pés, os quais já estavam limpos, impuros com a sujeira do chão. No Antigo Testamento, a impureza era vista de modo físico, como nesse caso onde a esposa sujaria seus pés. Também era vista de forma sexual (Levítico 18:20), ética (Isaías 59:3; Ezequiel 37:23), cerimonial (Levítico 11:24; 17:15) e religiosa (Números 35:33; Jeremias 3:1).

5:4 – Quando o marido passou a mão por uma fresta, possivelmente tentando abrir a porta pelo lado de fora, o coração da esposa se comoveu por ele.

As trancas primitivas, utilizadas para fechar as portas da cidade, consistiam de uma pesada viga de madeira cujas extremidades eram encaixadas em fendas talhadas na alvenaria do portão (Neemias 3:3-15, conforme Deuteronômio 3:5; 1 Samuel 23:7). As trancas eram reforçadas com barras de ferro (1 Reis 4:13; Isaías 45:2). As trancas das portas das residências (Juízes 3:23-24) eram menores e tinham pinos achatados. Às vezes, vários pinos eram colocados nas cavidades e somente podiam ser destravados com uma chave. As chaves variavam de tamanho, mas em geral eram grandes e precisavam ser carregadas no ombro (Isaías 22:22). Para abrir a porta do lado de fora, a chave era inserida através de um buraco na porta, grande o suficiente para caber uma mão.

5:5 – Com o coração comovido, ela se dirigiu à porta para abri-la para deixar o esposo entrar. O fato de as mãos dela estarem vertendo mirra pode indicar que ela se perfumou antes de deitar, já preparada para estar agradável ao esposo para quando ele voltasse (mas ainda assim ela não quis abrir a porta antes). Pode ser também que ela tenha se perfumado às pressas após levantar-se. Nesse caso, por um lado, isso teria demonstrado o amor dela para o marido, pois se perfumou para recebê-lo, porém, por outro lado, isso teria feito que o esposo tivesse que esperar ainda mais para poder entrar.

5:6 – Quando ela finalmente abriu a porta, ele já havia desistido e ido embora. Ela se entristeceu. A expressão *“Eu tinha estremecido, quando ele me falou”* se refere ao momento quando ela ouviu o marido chegar em Cântico dos Cânticos 5:2. Ela já tinha dito que, apesar de estar dormindo, seu coração estava acordado esperando pelo seu amado. Ainda assim, ela não foi abrir a porta, mudando de atitude apenas quando ouviu ele tentar abri-la pelo lado de fora em Cântico dos Cânticos 5:4. Ao ver que o esposo não estava mais ali, ela o procurou pelos arredores, mas não o encontrou. Ela o chamou, mas ele não estava por perto para responder.

Anteriormente, em Cântico dos Cânticos 3:1-2, a moça também havia saído para procurar pelo amado, provavelmente em um cenário imaginário (fantasia) ou sonho.

5:7 – Enquanto a amada procurava seu esposo pela cidade, mais uma vez se deparou com guardas que faziam a ronda por ali. Porém, dessa vez ela foi agredida: eles bateram nela e a feriram, ainda tomando dela o manto. Talvez os guardas tivessem pensado que ela se tratava de uma prostituta e, quando a abordaram, ela deve tê-los recusado, e isso os teria indignado. De qualquer forma, mesmo enfrentando perigos e dificuldades, ela manteve seu foco no forte desejo de encontrar o marido.

Alguns interpretam toda a passagem de Cântico dos Cânticos 5:2-7 como um sonho que abrangeu todo o ocorrido desde quando ela ouviu o marido chegar até a ocasião de ela ter sido agredida pelos guardas. Outros

interpretam como sonho apenas a parte descrita em Cântico dos Cânticos 5:5-7, onde ela teria adormecido novamente após se negar a abrir a porta para o marido, começando a sonhar em seguida, desde o momento em que se levantou para abrir a porta até o momento em que foi agredida. Nesse caso, sugere-se que os guardas agredindo a mulher possam representar a consciência pesada dela por não ter recebido o marido. A linguagem de Cântico dos Cânticos 6:12 pode apoiar a interpretação dessa passagem como sonho ou pesadelo da esposa. Outra possibilidade é de entender nesse relato um exemplo de o que acontece quando ela sai da segurança e proteção do amor do marido: sozinha na rua, de noite, ela andou desprotegida e malvista pelos outros.

Em Cântico dos Cânticos 3:3, ela já havia se encontrado com guardas da cidade, talvez em um cenário imaginário (fantasia) ou sonho. Porém, naquela ocasião, ela apenas perguntou a eles se viram seu amado. Aqui ela foi maltratada.

Cântico dos Cânticos 5:8-9: *“{5:8} Filhas de Jerusalém, jurem: se encontrarem o meu amado, digam que estou morrendo de amor. {5:9} O que é que o seu amado tem que os outros não tenham, ó mais bela das mulheres? O que é que o seu amado tem que os outros não tenham, para que você nos faça jurar?”*

5:8 – Por não ter encontrado o esposo, seja em sonho ou na vida real, ela se dirigiu às filhas de Jerusalém pedindo que, se encontrassem seu amado, dissessem a ele que ela estava *“morrendo de amor”*. Ela já se dirigiu às filhas de Jerusalém, até agora, em três partes do cântico (Cântico dos Cânticos 1:5; 2:7; 3:5).

A esposa abertamente admitiu o seu amor por seu esposo e, assim como em Cântico dos Cânticos 2:5, está presente a ideia de que ela se alimentava do amor de seu amado. Porém, agora que ele *“se foi”*, ela sentiu *“fome”* e estava *“desfalecendo”* de amor.

5:9 – As filhas de Jerusalém responderam. Essa parte, provavelmente, foi cantada em coro. Elas questionaram sobre o que seria tão especial sobre o marido dela a ponto de fazê-las jurar que transmitiriam a mensagem.

É possível que a expressão *“ó mais bela das mulheres”*, que já apareceu em Cântico dos Cânticos 1:8 e vai aparecer novamente em Cântico dos Cânticos 6:1, seja um qualificativo em tom de ironia. As duas perguntas *“provocativas”* deram motivo à esposa para fazer um ardoroso elogio dos encantos do seu esposo, conforme Cântico dos Cânticos 5:10-16.

Cântico dos Cânticos 5:10-16: *“{5:10} O meu amado é alvo e rosado, o mais destacado entre dez mil. {5:11} A sua cabeça é como o ouro mais depurado, os seus cabelos ondulados são pretos como o corvo. {5:12} Os seus olhos são como pombas junto ao ribeiro, brancas como leite, banhando-se junto às correntes das águas. {5:13} As suas faces são como canteiros de bálsamo, como colinas de ervas aromáticas. Os seus lábios são como lírios que gotejam mirra preciosa. {5:14} As suas mãos são cilindros de ouro enfeitados de turquesas. O seu ventre é como alvo marfim, coberto de safiras. {5:15} As suas pernas são colunas de mármore, assentadas sobre bases de ouro puro. O aspecto do meu amado é como o do Líbano; ele é elegante como os cedros. {5:16} O seu falar é muito suave; sim, ele é totalmente desejável. Assim é o meu amado, assim é o meu esposo, ó filhas de Jerusalém.”*

5:10 – Respondendo ao questionamento das filhas de Jerusalém, a jovem elogiou as qualidades do marido, à semelhança de como ele havia feito anteriormente referindo-se a ela (Cântico dos Cânticos 4:1-7). Essa parte do livro trata do amor dos casados e aqui se observa o amor de uma mulher casada que amou seu marido. Ela descreveu as qualidades do marido, literalmente, da cabeça até os pés, usando uma mistura de figuras da natureza do campo e da beleza da vida real. Inicialmente, ela o descreveu de uma forma geral como *“alvo e rosado, o mais destacado entre dez mil”*.

Esse é um dos poucos poemas preservados do mundo antigo em que uma mulher faz uma descrição das características de seu amado.

5:11 – Ela continuou elogiando o marido, comparando a cabeça dele com o *“ouro mais depurado”* e os cabelos dele como *“cabelos ondulados”* e *“pretos como o corvo”*. O ouro pode ser uma referência a uma coroa real ou simplesmente ao valor que a amada atribuiu à sabedoria do rei. Os cabelos do amado eram ondulados e de cor

negra. A expressão “*cabelos ondulados*” pode também ser traduzida como “cachos de palmeira”, o que pode indicar que foram vistos por ela como tendo um aspecto de alguma forma similar aos cachos dessa árvore.

5:12 – Ela disse que os olhos dele eram “*como pombas junto ao ribeiro, brancas como leite, banhando-se junto às correntes das águas*”. Pombas simbolizam pureza, gentileza, simplicidade e desejo (Cântico dos Cânticos 5:2,12; 6:9). Ela imaginou um cenário em que belas pombas de cor branca como leite estavam próximas a um ribeiro se banhando e, então, comparou os olhos de seu marido com essas pombas.

5:13 – A esposa comparou as faces do marido a bons perfumes e seus lábios como flores e perfume. Esses símiles, provavelmente, se referem aos efeitos causados aos sentidos dela pelas faces e lábios do esposo, e não à aparência deles.

5:14 – O rei continuou sendo comparado por ela a coisas de valor. Suas mãos (talvez se referindo aos dedos) foram vistos por ela como cilindros de ouro enfeitados com pedras preciosas, e o ventre, ou cintura, como marfim polido coberto de safiras. Isso parece ser uma descrição de como o rei se parecia enquanto usava veste real e adornos caros.

5:15 – As pernas do esposo foram comparadas a colunas de mármore com bases de ouro (as bases provavelmente se referem aos pés). O aspecto geral do marido lembrou sua esposa do aspecto dos cedros majestosos das montanhas do Líbano, o que indica que ele era alto e esbelto.

5:16 – O modo de falar do rei era “*muito suave*”, ou seja, era agradável para a esposa.

Com base em toda a descrição de Cântico dos Cânticos 5:10-16, a esposa considerava seu marido como totalmente desejável, concluindo sua resposta às filhas de Jerusalém (Cântico dos Cânticos 5:9).

Cântico dos Cânticos 6:1-3: “*{6:1} Para onde foi o seu amado, ó mais bela das mulheres? Que rumo tomou o seu amado, para que a ajudemos a encontrá-lo? {6:2} O meu amado desceu ao seu jardim, aos canteiros de bálsamo, para pastorear nos jardins e para colher os lírios. {6:3} Eu sou do meu amado, e o meu amado é meu; ele apascenta o seu rebanho entre os lírios.*”

6:1 – Uma vez que o esposo era muito importante para a esposa, as filhas de Jerusalém perguntaram para ela qual o rumo que seu amado teria tomado, oferecendo ajuda para procurá-lo. É possível que a expressão “*ó mais bela das mulheres*”, que já apareceu em Cântico dos Cânticos 1:8; 5:9, seja um qualificativo em tom de ironia. Esse versículo provavelmente foi cantado em coro.

6:2 – Logo após ter ouvido a pergunta das filhas de Jerusalém, ou enquanto ainda as estava ouvindo falar, a esposa parece ter percebido seu marido voltando, de longe, vindo para sua direção. Ela respondeu usando uma ilustração que demonstrou o destino de seu esposo (que já poderia estar voltando para ela enquanto ela estava falando): “*O meu amado desceu ao seu jardim, aos canteiros de bálsamo, para pastorear nos jardins e para colher os lírios.*” A linguagem sugere a segurança do seu amor e a lembrança dos bons momentos do noivado. Ela imaginou o marido como um pastor de ovelhas colhendo lírios no seu jardim. Ela esperou que ele voltasse ao seu “*jardim*”, ou seja, ela mesma (Cântico dos Cânticos 4:16). Ela confiou nele. Os “*canteiros de bálsamo*” representam a atração que a esposa efetuava sobre seu marido, e “*pastorear nos jardins e para colher os lírios*” significa o casal participando da intimidade do amor (Cânticos dos Cânticos 2:16).

6:3 – A esposa falou sobre a intimidade e exclusividade de seu amor, refletindo a segurança do amor mútuo quando o casal estava junto. O amor deles era mútuo e exclusivo (Cânticos dos Cânticos 2:16; 7:10): eles pertenceram um ao outro em um relacionamento que não permitiu intromissão. O pastoreio do rebanho entre lírios é uma metáfora do marido desfrutar o amor com sua esposa.

Cântico dos Cânticos 6:4-9: “*{6:4} Minha querida, você é bonita como Tirza, encantadora como Jerusalém, impressionante como um exército com bandeiras. {6:5} Desvie de mim os seus olhos, porque eles me perturbam. Os seus cabelos são como um rebanho de cabras que descem ondeantes de Gileade. {6:6} Os seus dentes são como um rebanho de ovelhas que sobem do lavadouro; cada uma tem o seu par, e nenhuma está faltando. {6:7} As suas faces, como romã partida, brilham através do véu. {6:8} Sessenta são as rainhas, oitenta, as concubinas, e as virgens, sem*

número; {6:9} mas uma só é a minha pombinha sem defeito, a mais querida da sua mãe, a predileta daquela que a deu à luz. As outras mulheres a veem e dizem que ela é feliz; as rainhas e as concubinas a louvam.”

6:4 – O esposo respondeu. Se a ação da esposa de não abrir a porta para ele em Cânticos dos Cânticos 5:3 não foi um sonho, apesar de ele poder ter se sentido magoado, ele perdeu a esposa ao voltar para ela e ainda a elogiou. Dificuldades no casamento acontecem, mas o perdão e a reconciliação são de fundamental importância, assim como na vida cristã. Se a ação da esposa de não abrir a porta para o esposo em Cânticos dos Cânticos 5:3 foi um sonho, a amada teve o alívio de saber que seu marido a amava e a elogiou.

A expressão *“Minha querida, você é bonita como Tirza, encantadora como Jerusalém, impressionante como um exército com bandeiras”* mostra que, mesmo depois de algum tempo de casado, ele ainda apreciava a beleza dela. Ao mesmo tempo em que mostrou que a paixão não diminuiu, ele empregou algumas outras descrições que enfatizaram mais a força e poder atrativo dela – ela era formidável e exercia poder sobre ele com os olhos.

“Tirza”, conquistada por Josué (Josué 12:24), foi a capital do reino do norte (1 Reis 14:17) até os tempos de Onri, rei de Israel (1 Reis 16:6). Pode ter sido mencionada aqui porque seu nome deriva de uma raiz que significa *“bela”* ou *“agradável”*. Foi escolhida por Jeroboão I (930-909 a.C.) como cidade régia do reino do norte e, por causa da raiz do seu nome, provavelmente se tratava de um lugar bonito. Isso explica a razão de o autor colocar essa cidade lado a lado com Jerusalém (embora não se saiba em que consistia a beleza de Tirza). A comparação entre a beleza da amada e das cidades talvez não fosse tão rara no antigo Oriente Médio, visto que as cidades eram, às vezes, retratadas como *“filhas”* ou *“mulheres amadas”* (2 Reis 19:21).

A menção de Tirza e de Jerusalém juntas tem sido usada para comprovar uma data de redação do Livro de Cântico dos Cânticos ainda anterior ao rei Onri (885-874 a.C.), especialmente quando se considera 1 Reis 16:23-24.

6:5 – O esposo elogiou sua esposa em termos que lembram a noite das núpcias ao se comparar Cântico dos Cânticos 6:5-7 com Cântico dos Cânticos 4:1-3. Ele falou que os cabelos dela eram *“como um rebanho de cabras que descem ondeantes de Gileade”* – uma descrição que vem do contexto rural da experiência da jovem. As cabras da Palestina, especialmente da época do cântico, eram em geral negras com pelos lustrosos (Cântico dos Cânticos 1:5), como os cabelos do marido (Cântico dos Cânticos 5:11). As tranças negras que corriam da cabeça da sulamita fizeram o rei se lembrar de um rebanho de cabras negras, de pelo macio, descendo em fileiras a partir de uma das colinas de Gileade (notáveis por suas boas pastagens e vigoroso gado, como em Miqueias 7:14; Números 32:1). A comparação pode se referir também às ondas dos cabelos, que *“ondulavam”* como os rebanhos que desciam saltitando pelas ladeiras das montanhas.

6:6 – Esse texto também é encontrado em Cântico dos Cânticos 4:2. O marido comparou os dentes da esposa *“como um rebanho de ovelhas que sobem do lavadouro; cada uma tem o seu par, e nenhuma está faltando”*. Na comparação, nota-se aspectos atraentes dos dentes dela: são brancos como ovelhas logo depois do banho e tosa, e há número completo de pares, sem falta. As *“ovelhas que sobem do lavadouro”* estariam limpas, brancas e umedecidas, como os dentes da esposa.

6:7 – O marido já utilizou antes a expressão *“As suas faces, como romã partida, brilham através do véu”* em Cântico dos Cânticos 4:3, onde tinha elogiado sua esposa com termos que lembram o dia de casamento: as faces dela brilhavam através do véu e eram arredondadas e enrubescidas como uma romã – a polpa da romã é avermelhada e, no oriente antigo, as sementes das romãs eram símbolo de fertilidade.

6:8 – A expressão *“Sessenta são as rainhas, oitenta, as concubinas, e as virgens, sem número”* é uma referência ao harém real (1 Reis 11:3). Se Salomão foi o autor do poema, ou se o poema foi dedicado a ele, esse versículo pode indicar que sua composição foi realizada quando ele ainda era relativamente jovem – antes de adquirir as 700 esposas e as 300 concubinas (1 Reis 11:3). O esposo também estava contente pelo fato de sua esposa ser mais impressionante do que as mulheres do harém real e as muitas virgens. De qualquer forma, ele estava retornando o carinho do elogio feito pela esposa em Cântico dos Cânticos 5:10.

6:9 – A esposa ocupou um lugar exclusivo no coração de seu marido. No caso de Salomão, ainda que ele tenha praticado a poligamia, a sulamita ocupou a posição de predileta. Até mesmo as *“rainhas”*, as *“concubinas”* e as

“outras mulheres” reconheceram a importância dela: as “outras mulheres” disseram que ela era feliz e as “rainhas” e “concubinas” a louvavam. Parece também que ela foi a favorita de sua mãe.

Cântico dos Cânticos 6:10: *“{6:10} Quem é esta que aparece como a alva do dia, bonita como a lua, pura como o sol, impressionante como um exército com bandeiras?”*

6:10 – Esse versículo provavelmente foi um coro cantado pelas filhas de Jerusalém. Em Cântico dos Cânticos 6:9, o esposo disse: *“As outras mulheres a veem e dizem que ela é feliz; as rainhas e as concubinas a louvam.”* Aqui o texto corrobora essa afirmação. As expressões das demais mulheres reforçaram os elogios do marido: a esposa *“aparece como a alva do dia”,* é *“bonita como a lua”,* *“pura como o sol”* e *“impressionante como um exército com bandeiras”.*

Cântico dos Cânticos 6:11-13: *“{6:11} Desci ao jardim das noqueiras, para ver os renovos do vale, para ver se brotavam as videiras, se as romãzeiras estavam em flor. {6:12} Não sei como, imaginei-me no carro do meu nobre povo! {6:13} Volte, volte, sulamita! Volte, volte, para que nós a contemplemos. Por que vocês querem contemplar a sulamita na dança de Maanaim?”*

6:11 – A esposa voltou a falar. Em Cântico dos Cânticos 6:11-13, as atrações e pressões de fora e o amor intenso pelo marido deixaram a esposa um tanto pensativa. Observa-se um contraste das imagens da vida dela no campo, antes de casada, e a vida dela agora, como casada – uma vida totalmente diferente.

Respondendo ao grande elogio dado a ela pelo marido e pelas filhas de Jerusalém, a moça fez uma reflexão sobre como ela acabou de passar a morar em Jerusalém com uma vida tão diferente de antes, quando ela era solteira. Ela era uma simples pessoa do campo que costumava descer *“ao jardim das noqueiras, para ver os renovos do vale, para ver se brotavam as videiras, se as romãzeiras estavam em flor”.* Essa expressão também denota as coisas bonitas da natureza relacionadas ao amor, como a primavera (Cântico dos Cânticos 7:12). Talvez isso também seja uma alusão que, anteriormente, ela ansiava em conhecer o amor de sua vida. De qualquer forma, a vida dela mudou totalmente depois de casada: antes ela era uma moça solteira do campo, acostumada com a vida do campo, mas passou a ser uma mulher casada com o rei, levando uma “vida de realeza” na cidade grande (Jerusalém).

6:12 – As coisas pareceram acontecer de uma forma “tão rápida” para a amada que, antes que ela tivesse totalmente compreendido o que estava acontecendo, ela já estava em Jerusalém, casada, sendo transportada em um carro nobre. A primeira parte do versículo, *“Não sei como”,* se refere a uma espécie de “perda dos sentidos” por causa de extrema alegria, como se ela não estivesse acreditando no que tinha acontecido. Ela teria sempre uma preeminência na casa real: como esposa de Salomão, ela iria desfrutar de posição e proteção, ainda mais sendo a predileta do rei. Porém, ironicamente, com o casamento, a “liberdade de solteira” estaria perdida – a vida não é mais a mesma e ela passou a ter maiores compromissos.

6:13 – A primeira parte do versículo, *“Volte, volte, sulamita! Volte, volte, para que nós a contemplemos”,* provavelmente foi um coro cantado pelas filhas de Jerusalém. A segunda parte, *“Por que vocês querem contemplar a sulamita na dança de Maanaim?”,* foi falada ou pela esposa ou pelo esposo, como uma resposta ao coro das filhas de Jerusalém.

Os motivos do convite das filhas de Jerusalém para a moça “voltar” não estão totalmente claros aqui. Voltar da onde? E para onde a moça estaria indo, e por quê? Uma vez que a segunda parte do versículo fala de uma dança, a *“dança de Maanaim”,* e em Cântico dos Cânticos 6:12 a esposa estava refletindo sobre a mudança de sua vida, não acreditando em como ela chegou à posição em que estava naquele momento (*“Não sei como”*), é bem possível que ela estivesse dançando (ou que estivesse prestes a dançar) com o esposo diante das filhas de Jerusalém. No entanto, ela pode ter sentido vergonha, ou talvez teve um sentimento de que não era digna de tamanha alegria, e tentou escapar. Então, as filhas de Jerusalém entravam com o coro *“Volte, volte, sulamita! Volte, volte, para que nós a contemplemos”,* pois ela estava muito bonita (os elogios do esposo a seguir, em Cântico dos Cânticos 7:1-9, confirmam isso) e talvez até dançando bem (possivelmente, as filhas de Jerusalém quiseram continuar a contemplá-la, talvez não apenas pela beleza dela, mas porque ela dançava bem e formava um belo par com o esposo). A expressão em Cântico dos Cânticos 6:9, *“As outras mulheres a veem e dizem que ela é feliz; as rainhas e as concubinas a louvam”,* apoia a ideia de que as mulheres de Jerusalém davam reconhecimento à sulamita. O fato de

o marido elogiá-la em Cântico dos Cânticos 7:1 com a expressão “*Como são bonitos os seus pés nas sandálias*” pode indicar que a sulamita dançava graciosamente.

Se foi a esposa que falou a expressão “*Por que vocês querem contemplar a sulamita na dança de Maanaim?*”, ela poderia estar voltando para dançar com o marido depois de “tentar escapar”, mas respondeu às filhas de Jerusalém (talvez com a face vermelha de vergonha, ou com desconfiança em relação a elas, ou até mesmo as duas coisas). Se foi o esposo que falou, ele também pode ter feito a pergunta às filhas de Jerusalém em resposta ao coro delas, talvez com desconfiança de que elas estivessem se “divertindo” com a situação, ou porque ele sabia que elas já “caçoaram” dela antes, ou até mesmo porque ele sabia que elas a invejavam.

A “*dança de Maanaim*” pode simbolizar um tipo de dança para dar “boas-vindas” (talvez tenha sido dito que a dança era como a de Maanaim porque a esposa pensou em fugir, mas foi bem recebida de volta). Maanaim significa “dois acampamentos” e foi o nome que Jacó deu ao lugar onde os anjos saíram para recebê-lo quando voltou para a terra de Canaã (Gênesis 32:1-2), o que transmite a ideia de que Jacó foi bem-vindo ali.

Esse foi o primeiro local do livro em que a esposa foi chamada de “*sulamita*”. As opiniões sobre a origem do termo divergem. A palavra hebraica *shûlammith* significa “pacífica”. Não é improvável que seja a forma feminina do nome “Salomão”, no sentido de “a garota de Salomão”. O termo também é aparentado com a palavra hebraica *shalom* que significa “paz”, “prosperidade”, “felicidade”. Se for uma variação de “sunamita”, como aparece na Septuaginta, então significa “proveniente da cidade de Suném”, como a bela Abisague (1 Reis 1:3).

Cântico dos Cânticos 7:1-10: “{7:1} *Como são bonitos os seus pés nas sandálias, ó filha do príncipe! As curvas dos seus quadris são como colares trabalhados por mãos de artista. {7:2} O seu umbigo é uma taça redonda onde nunca falta bebida; o seu ventre é um monte de trigo, cercado de lírios. {7:3} Os seus seios são como duas crias gêmeas de uma gazela. {7:4} O seu pescoço é como uma torre de marfim. Os seus olhos são como as piscinas de Hesbom, junto ao portão de Bate-Rabim. O seu nariz é como a torre do Líbano, voltada para Damasco. {7:5} A sua cabeça é como o monte Carmelo; os seus cabelos são como a púrpura; um rei está preso nas suas tranças. {7:6} Como você é linda! Como você é atraente, meu amor, com as suas delícias! {7:7} Esse seu porte é semelhante à palmeira, e os seus seios se parecem com os cachos. {7:8} Eu disse: ‘Vou subir na palmeira e colher os seus frutos.’ Sejam os seus seios como os cachos de uvas, e o aroma da sua respiração, como o das maçãs. {7:9} Os seus beijos são como o bom vinho... Vinho que se escoia suavemente para o meu amado, deslizando entre os seus lábios e dentes. {7:10} Eu sou do meu amado, e ele tem saudades de mim.”*

7:1 – O esposo passou a falar, voltando a elogiar sua esposa, enfatizando o prazer de estar com ela. O fato de ele ter começado a elogiar os passos dela e ter tido sua atenção voltada para os pés dela pode indicar que a sulamita dançava bem, além de estar muito bonita, o que é corroborado pela expressão “*ó filha do príncipe*”. A descrição da beleza dela é semelhante a Cântico dos Cânticos 4:1-7; 6:4-10. A linguagem sugere uma relação mais madura entre os dois.

O esposo enalteceu a beleza e as qualidades da esposa à maneira do oriente (dos pés em direção à cabeça). Os pés dela estavam lindos em suas sandálias e os passos dela eram graciosos, tanto em seu andar quanto, talvez, em seu dançar (Cântico dos Cânticos 6:13). As curvas dos quadris da esposa eram agradáveis ao seu esposo, tanto no formato quanto, talvez, durante sua dança (Cântico dos Cânticos 6:13), além de estarem adornados como “*colares trabalhados por mãos de artista*” – provavelmente a sulamita estava usando belos cintos com joias engatadas, comparáveis a belos colares que se movimentavam com o movimento dos quadris dela.

Se o visível, o físico e as emoções podem provocar admiração e prazer, quanto mais é possível experimentar isso no plano espiritual. Poderia ser feita uma alegoria aqui em que a igreja imaculada é tão agradável ao Senhor quanto uma esposa bonita é agradável para seu marido.

7:2 – O esposo continuou fazendo comparações das partes do corpo de sua amada com coisas agradáveis. As figuras utilizadas são excêntricas, mas certamente são elogios.

Ele usou a figura de uma taça redonda onde não falta bebida para elogiar o “*umbigo*” da esposa. O “*umbigo côncavo*” pode ser comparado em aparência a uma taça redonda. O esposo estava plenamente satisfeito

com sua esposa de forma análoga a uma boa bebida que nunca faltava. Ao olhar para o umbigo de sua amada, o marido imaginou uma bela “*taça redonda*” cheia do “vinho do amor” que jamais faltava.

A comparação do “*ventre*” da esposa a um “*monte de trigo*” foi visualmente adequada por causa da forma simétrica e cor bronzeada. Embora a cor do trigo pudesse não ter o mesmo tom de cor que a pele da esposa que foi queimada pelo Sol (Cântico dos Cânticos 1:5-6), é possível que o ventre dela fosse mais claro em razão de não ter sido tão exposto aos raios solares como o rosto, pescoço e braços, por exemplo. No entanto, o principal ponto de comparação se baseou em associações com o trigo, as quais eram típicas em Israel – o trigo era principal alimento da refeição típica israelita. A esposa também tem sido o “alimento” (o “trigo”) de seu marido. Um “*monte de trigo*” sugere uma colheita, e essa associação contribuiu para a qualidade emocional da metáfora. A colheita em Israel era acompanhada de uma alegre celebração pela produção da terra. Assim, a esposa conferia abundante satisfação para seu marido e era submissa em entregar a si mesma a ele, sendo fonte de grande alegria para ele, assim como a fartura dos produtos da terra era fonte de grande alegria para o povo em Israel.

De qualquer forma, parece que o umbigo e o ventre da esposa foram comparados à fartura de bebida e de trigo, e isso parece ser uma alusão à beleza e ao poder de fertilidade dela. Os lírios podem ter sido adicionados à metáfora para enaltecer ainda mais a beleza e delicadeza dela.

7:3 – A expressão “*crias gêmeas de uma gazela*” aparece também em Cântico dos Cânticos 4:5 e passa a ideia de que essas partes do corpo dela têm simetria – um par igual com beleza tenra e delicada. A gazela é célebre por sua forma e beleza.

7:4 – Embora a sulamita fosse morena por causa da exposição ao Sol (Cântico dos Cânticos 1:5-6), o pescoço dela foi comparado a uma “*torre de marfim*”, possivelmente por causa de um vestido de cor de marfim que poderia cobrir pelo menos parte do pescoço da esposa. O esposo usou figuras nada convencionais para elogiar os olhos e o nariz dela. Independentemente do entendimento das figuras, o fato é que ele estava elogiando cada parte do corpo dela.

A comparação de olhos com “*piscinas*” (ou lagos) e com a água parada das bacias de fontes não é rara na literatura. Pode ser que os olhos dela tivessem belas características observadas em fontes de água parada. Talvez essa figura tenha algo a ver com a beleza “escura e misteriosa” dos reflexos das “*piscinas de Hesbom*”. Talvez os olhos da esposa refletissem um brilho agradável como essas águas. Nos tempos antigos, “*Hesbom*” era a cidade real do rei Seom (Números 21:26), a qual recebia abundante suprimento de água das fontes. É uma localidade da Transjordânia habitada antigamente pelos amorreus (Números 21:26-30).

A comparação do nariz da esposa com “*a torre do Líbano, voltada para Damasco*” possivelmente fez uma alusão idealizada a um nariz bonito visualizado a partir de uma posição de frente para o rosto dela, o que sugere um nariz reto e bem feito, de forma similar a uma bela torre.

“*Bate-Rabim*” significa “filha de muitos” e talvez seja uma referência a uma torre militar na fronteira norte do reino de Salomão. No entanto, é mais provável que seja uma referência à bela e altaneira cordilheira do Líbano. A “*torre do Líbano*” pode ter sido uma bela torre real diante de Damasco, embora desconhecida aos estudiosos de hoje. Pode também se tratar de um nome metafórico do monte Hermom, o qual se levanta majestoso nas proximidades de Damasco.

7:5 – As imagens e metáforas utilizadas pelo marido continuaram excêntricas. Não obstante, ele elogiou a cabeça e o cabelo de sua esposa.

O “*monte Carmelo*”, alta cordilheira próxima ao Mar Mediterrâneo, era conhecido por sua beleza e por seu cume coberto de bosques. Ainda hoje é um impressionante cenário para o porto de Haifa. É o monte onde Elias fez o desafio contra os profetas de Baal de acordo com a ordem do Senhor (1 Reis 18:19). A beleza da cabeça da esposa foi comparada à beleza desse monte.

A comparação da cabeleira da sulamita com a púrpura pode significar que o esposo considerou o cabelo dela como sendo tremendamente valioso, assim como era valiosa a púrpura no mundo antigo. A expressão “*um rei*

está preso nas suas tranças” provavelmente significa que era difícil que o olhar do esposo, o rei Salomão, não estivesse focado nas belas tranças no cabelo de sua amada.

7:6 – Tudo sobre a esposa era agradável para seu marido – ele estava apaixonado por ela. Ele passou a descrever seus pensamentos em termos de intimidade conjugal com sua amada. A expressão *“meu amor, com as suas delícias”* aparece, segundo duas versões antigas, como *“mulher encantadora”*.

7:7 – O esposo comparou o porte da sua esposa com uma palmeira, provavelmente a tamareira, a qual tem um porte majestoso. Isso indica que a sulamita era alta e esbelta. A comparação com os cachos se refere aos desejados frutos fibrosos e avermelhados de sabor agridoce, os quais são chamados de tâmaras.

7:8 – Ainda comparando o corpo da esposa com uma palmeira majestosa, o esposo usou uma figura de subir a palmeira e se apossar dos seus frutos para enfatizar seu desejo de ter a relação íntima com ela. O prazer dessa relação foi comparado ao consumo de bons frutos. A palavra traduzida como *“maçãs”* pode se referir também a damascos.

7:9 – Nesse versículo, o esposo falou a expressão *“Os seus beijos são como o bom vinho...”* e a esposa completou a frase com a expressão *“Vinho que se escoia suavemente para o meu amado, deslizando entre os seus lábios e dentes.”* A comparação dos beijos com o bom vinho serviu de transição do ponto de vista do marido para os pensamentos da esposa para se entregar a ele.

7:10 – A esposa falou sobre o prazer de se entregar para seu marido e enfatizou o prazer no contexto da segurança do seu relacionamento do casamento. O texto reflete a segurança do amor mútuo quando o casal estava junto – o amor deles era mútuo e exclusivo (Cântico dos Cânticos 2:16; 6:3): eles pertenciam um ao outro em um relacionamento que não permitiu intromissão (*“Eu sou do meu amado”*).

A expressão *“e ele tem saudades de mim”* provavelmente não se refere à saudade do marido em relação à presença da esposa, mas da saudade dele do momento de desfrutar o amor íntimo com ela. Aparentemente, os dois não desfrutaram de um momento como esse por algum tempo (talvez por causa rotina da vida, dificuldades, etc.).

A REAFIRMAÇÃO DO AMOR DO CASAL

Cântico dos Cânticos 7:11-13: *“{7:11} Vem, ó meu amado, saiamos ao campo, passemos as noites nas aldeias. {7:12} Levantemo-nos cedo de manhã para ir às vinhas; vejamos se florescem as vides, se se abre a flor, se já brotam as romeiras; dar-te-ei ali o meu amor. {7:13} As mandrágoras exalam o seu perfume, e às nossas portas há toda sorte de excelentes frutos, novos e velhos; eu tos reservei, ó meu amado.”*

7:11 – Mais uma vez a linguagem da esposa se volta à simplicidade do ambiente do campo, onde ela cresceu e onde conheceu seu esposo, longe das complicações da vida na cidade. De vez em quando o casal precisa de um tempo para que marido e esposa desfrutem um do outro em uma relação sadia e sem mácula. Assim, o casal foi ao campo para que os cônjuges pudessem passar um tempo juntos, a sós, longe das complicações da rotina.

7:12 – A esposa convidou seu esposo para desfrutar o agradável amor íntimo usando figuras agradáveis da natureza, coisas da primavera – a estação do ano que é frequentemente associada ao amor romântico.

7:13 – A esposa descreveu o desfrutar do amor do casal em termos de bons frutos, novos e velhos. Os frutos novos podem se referir às novas maneiras de expressar amor, e os velhos às maneiras já conhecidas de fazer isso. A esposa reservou essas expressões de amor apenas para seu marido, falando delas em termos de reservar os frutos para ele (*“eu tos reservei, ó meu amado”*).

É visível que o casal envelheceu, mas o amor continuou forte. É importante notar como o amor da esposa pertenceu apenas ao marido, o que foi constatado com pelos *“excelentes frutos”* que ela reservou para ele. Esse princípio da relação íntima como algo especial e exclusivo do casal é fundamental no ensinamento bíblico sobre o casamento, além de ser de suma importância para bons casamentos serem mantidos.

Acreditava-se que a mandrágora, com suas flores delicadas e raízes com forma similar à forma da parte inferior do corpo humano, ajudava as mulheres a engravidar e a “ter sorte” no amor (Gênesis 30:9-18).

Cântico dos Cânticos 8:1-4: “{8:1} *Quem dera que você fosse meu irmão, amamentado aos seios de minha mãe! Se eu o encontrasse na rua, poderia beijá-lo, e não me desprezariam!* {8:2} *Eu o levaria para a casa da minha mãe, e você me ensinaria; eu lhe daria de beber vinho aromático e o suco das minhas romãs.* {8:3} *A sua mão esquerda estaria debaixo da minha cabeça, e a sua direita me abraçaria.* {8:4} *Filhas de Jerusalém, jurem pelas gazelas e pelas corças selvagens que vocês não acordarão nem despertarão o amor, até que este o queira.*”

8:1 – Com os pensamentos voltados à simplicidade da sua infância, a esposa usou figuras da segurança familiar para falar sobre a vontade dela para sua vida de casada. Ela se sentiu frustrada por causa do padrão cultural da época que permitiu que membros da família demonstrassem afeição pública, mas proibiu os casados de fazer o mesmo. Em outras palavras, ela desejava demonstrar seu afeto ao esposo de forma pública, mas os costumes severos da época apenas permitiram demonstrações de afeto entre parentes próximos. Foi por isso que a esposa disse que, se seu marido fosse seu irmão, ela poderia demonstrar afeto a ele de forma pública com beijos, sem medo do desprezo das outras pessoas. Da mesma forma que o afeto entre irmãos era aceito publicamente pela sociedade, ela quis que suas demonstrações públicas de afeto para seu marido fossem aceitas sem o desprezo dos outros.

8:2 – Apesar de a vida da sulamita ter tido o luxo da cidade e do palácio, ela ainda imaginou o amor ideal no contexto da simplicidade da vida na casa da mãe dela (veja Cântico dos Cânticos 3:4). A expressão “*você me ensinaria*” se refere aos encantos do amor dados a ela da parte de seu marido. A expressão “*eu lhe daria de beber vinho aromático e o suco das minhas romãs*” evoca a ideia de beber “sucos inebriantes” (que embriagam), passando a ideia de ela “embriagar” seu marido com o amor íntimo.

8:3 – Esse versículo é praticamente idêntico a Cântico dos Cânticos 2:6: a esposa almejou o carinho do abraço do marido, sem o desprezo dos outros.

8:4 – O refrão de não despertar o amor antes da hora certa serve para elevar todo o pensamento ao amor do casal, o qual permanece independentemente das circunstâncias. Não é sensato apressar ou forçar o amor, mesmo no caso de um casal que tenha um bom tempo de casamento. Esse refrão já apareceu antes em Cântico dos Cânticos 2:7; 3:5; 5:8. Dessa vez apareceu de forma parcial, sem mencionar as gazelas e corças do campo. A esposa usou esse refrão em momentos marcantes durante o cântico. Aqui ela estava mais madura e, talvez, tenha citado o refrão uma vez mais por ter estado em um momento similar aos momentos marcantes anteriores, lembrando-se deles e associando-os ao presente.

Cântico dos Cânticos 8:5-7: “{8:5} *Quem é esta que vem subindo do deserto, apoiada em seu amado? Debaixo da macieira eu o despertei; ali a sua mãe teve dores de parto, ali esteve com dores aquela que o deu à luz.* {8:6} *Ponha-me como selo sobre o seu coração, como selo sobre o seu braço, porque o amor é tão forte como a morte, e o ciúme é tão duro como a sepultura. As suas chamas são chamas de fogo, são labaredas enormes.* {8:7} *As muitas águas não poderiam apagar o amor, nem os rios, afogá-lo. Ainda que alguém oferecesse todos os bens da sua casa para comprar o amor, receberia em troca apenas desprezo.*”

8:5 – A pergunta “*Quem é esta que vem subindo do deserto, apoiada em seu amado?*” foi cantada pelo coro das filhas de Jerusalém. A expressão “*Debaixo da macieira eu o despertei; ali a sua mãe teve dores de parto, ali esteve com dores aquela que o deu à luz*” foi cantada pela esposa.

As filhas de Jerusalém viram o casal vindo do deserto, o que lembra o momento que antecedeu o casamento, quando a liteira de Salomão veio do deserto em Cântico dos Cânticos 3:6. No entanto, nesse momento, elas viram os dois como uma unidade, um casal. A sulamita estava apoiada no marido enquanto ambos voltavam do campo, passando pelo deserto, após o momento que tiveram a sós em Cântico dos Cânticos 7:11-13.

Enquanto voltava do campo, após passar pelo deserto, o casal se dirigiu a uma macieira e, debaixo dela, teve mais um momento de amor íntimo. Uma possibilidade interessante é que o campo onde essa macieira estava pode ter sido o campo onde a esposa viveu sua infância com seus irmãos, uma vez que Cântico dos Cânticos 8:8-9

foi cantado pelos irmãos dela. O casal teria encontrado os irmãos da esposa após desfrutar do amor íntimo debaixo da macieira, e então eles começaram a fazer comentários sobre o passado.

É difícil compreender exatamente o que a sulamita quis transmitir com a expressão *“Debaixo da macieira eu o despertei; ali a sua mãe teve dores de parto, ali esteve com dores aquela que o deu à luz”*, mas certamente ela afirmou o valor de seu amor por seu marido. Ao que tudo indica, a esposa falou de ter “despertado” seu esposo no contexto do amor íntimo do casal em um “renascimento” que ocorreu durante sua intimidade recente, ou seja, o momento que tiveram a sós em Cântico dos Cânticos 7:11-13. A ideia é que ela viu a si mesma como tendo estado no lugar da mãe do esposo (*“ali a sua mãe teve dores de parto, ali esteve com dores aquela que o deu à luz”*) no sentido de que ela “deu vida nova” para ele (o relacionamento dos dois tinha sido renovado), talvez implicando que ele nasceu para ser amado por ela. Ela direcionou a atenção para debaixo da macieira para, além de aproveitar o amor íntimo do casal, indicar um retorno à intensidade do amor registrado no início do cântico, como visto em Cântico dos Cânticos 2:3: *“Como a macieira entre as árvores do bosque, assim é o meu amado entre os jovens. Desejo muito a sua sombra e debaixo dela me assento, e o seu fruto é doce ao meu paladar.”* No mundo antigo, a relação íntima e o nascimento eram muitas vezes associados a árvores frutíferas, e isso tinha algum significado sobre o ciclo de vida: amor, casamento, relação íntima, concepção, nascimento e amor despertado novamente. Ou seja, depois de o casal voltar do momento de refrigério de Cântico dos Cânticos 7:11-13, os cônjuges reacenderam a intensidade do amor que havia entre eles, tendo assim uma renovação do casamento.

8:6 – A esposa afirmou a segurança e permanência do amor como algo que seu marido nunca perderia – é um sentimento forte. As palavras *“morte”, “sepultura”, “ciúme”, “chamas de fogo”* e *“labaredas enormes”* (e também *“muitas águas”* em Cântico dos Cânticos 8:7) caracterizam o amor conjugal como a força mais poderosa e irresistível da experiência humana. Com essas declarações, o cântico atingiu seu ápice e revelou seu propósito.

O *“selo”* tinha muito valor para seu proprietário e era tão pessoal quanto o nome. Literalmente, o texto hebraico diz *“ponha-me como sinete sobre o seu coração”*. Esse sinete era levado em um fio amarrado ao redor do pescoço, ou então era usado no dedo como anel. Ele trazia a marca, ou assinatura, de seu dono, ou seja, era como se fosse o próprio nome da pessoa. Isso explica a expressão *“Ponha-me como selo sobre o seu coração, como selo sobre o seu braço”*. A expressão *“porque o amor é tão forte como a morte, e o ciúme é tão duro como a sepultura. As suas chamas são chamas de fogo, são labaredas enormes”* é uma bela declaração de amor, uma pérola da literatura hebraica e universal, e demonstra que o amor entre dois apaixonados é tão poderoso quanto a própria morte e é como um intenso fogo com enormes labaredas.

A palavra *“sepultura”* foi traduzida do hebraico *sheol*. A palavra *“duro”* tem o sentido de ser cruel, severo, obstinado, rigoroso. Assim, o ciúme que ocorre entre duas pessoas fortemente apaixonadas foi comparado a ser tão duro, cruel, obstinado e rigoroso como o *sheol*, o mundo dos mortos.

8:7 – Após afirmar a segurança e permanência do amor, a esposa afirmou que esse amor reacendido entre os cônjuges, amor que foi comparado a um grande fogo no versículo anterior, jamais seria apagado, nem mesmo pelas *“muitas águas”* ou pelos rios. Ela também afirmou que ainda que alguém desse todos os bens de sua casa para comprar o amor do casal, esse alguém não conseguiria nada e simplesmente seria desprezado.

A expressão *“muitas águas”* não indica apenas as profundezas do oceano (como no Salmo 107:23), mas também as águas primevas (como em Gênesis 1:2) que os povos do antigo Oriente Médio consideravam uma ameaça permanente ao mundo. As águas também estavam associadas ao mundo dos mortos e à morte (2 Samuel 22:5-6,17; Salmo 18:4-5,16; Jonas 1:2-3). Essa figura de linguagem, como outras a ela relacionadas, é encontrada em mitos do antigo Oriente Médio a respeito da criação. Em muitos deles, uma massa primeva de águas caóticas (suas forças ameaçadoras e destruidoras eram muitas vezes retratadas como um monstro das profundezas) tinha que ser subjugada por um deus antes de ele poder criar o mundo e/ou reinar como rei divino sobre a terra. Embora nesses mitos as águas caóticas já estivessem subjgadas quando o mundo foi criado, elas continuavam a representar uma ameaça constante contra a segurança e o bem estar da terra (o mundo habitado pelo ser humano). Portanto, estavam ligadas, por associação, a qualquer coisa na experiência humana que ameaçasse ou perturbasse a existente ordem. Associavam-se também ao mar, cujas ondas furiosas às vezes pareciam resolvidas a cobrir a terra. De qualquer maneira, as *“muitas águas”* eram tidas como muito poderosas, mas nem mesmo elas poderiam apagar o fogo do amor reacendido dos cônjuges.

Cântico dos Cânticos 8:8-10: *“{8:8} Temos uma irmãzinha que ainda não tem seios. Que faremos por esta nossa irmã, no dia em que for pedida em casamento? {8:9} Se ela fosse uma muralha, edificaríamos sobre ela uma torre de prata; se ela fosse uma porta, nós a reforçaríamos com tábuas de cedro. {8:10} Eu sou uma muralha, e os meus seios, como as suas torres. Por isso, sou para ele como aquela que encontra a paz.”*

8:8 – Cântico dos Cânticos 8:8-9 é um coro cantado pelos irmãos da sulamita. Talvez o casal tenha encontrado os irmãos dela ao visitar o campo onde se encontrava a macieira mencionada em Cântico dos Cânticos 8:5. Os irmãos da esposa se expressaram aludindo ao passado, à juventude dela, talvez o início da adolescência. Eles perguntam o que fariam com ela se alguém algum dia a cortejasse.

8:9 – Os próprios irmãos da esposa responderam sua pergunta, dizendo: *“Se ela fosse uma muralha, edificaríamos sobre ela uma torre de prata; se ela fosse uma porta, nós a reforçaríamos com tábuas de cedro.”* O termo *“muralha”* parece ser símbolo de virgindade e firmeza moral, e o termo *“porta”* parece simbolizar permissividade. O termo *“torre”* sugere vigilância, e a expressão *“reforçaríamos com tábuas de cedro”* sugere proteção. Basicamente, os irmãos da sulamita estavam dizendo que iriam proteger a virgindade de sua irmã e que ela não seria entregue para qualquer um.

8:10 – A esposa respondeu aos seus irmãos, tendo em vista o que acabou de ser cantado por eles no versículo anterior. Ela afirmou que não precisa mais da proteção deles, pois ela já tinha a *“muralha”* e a *“torre”* que os irmãos dela mencionaram no versículo anterior. Ela passou a ser uma *“muralha”*, uma mulher madura que sabe o que quer. Ela estava bem crescida e bem formada, preparada para estar com seu marido por toda a vida. Assim, ela disse que foi tida por digna da confiança do seu marido, vendo a si mesma como um muro fechado que pertence exclusivamente a ele, tendo encontrado sua paz em sua vida de casada.

Cântico dos Cânticos 8:11-12: *“{8:11} Salomão teve uma vinha em Baal-Hamom. Ele a entregou a uns lavradores, e cada um lhe trazia pelo seu fruto mil moedas de prata. {8:12} A minha vinha, que me pertence, dessa cuida eu! Você, Salomão, terá as suas mil moedas, e os que guardam o fruto dela, as suas duzentas.”*

8:11 – Os irmãos da esposa cantaram esse versículo em coro. A *“vinha”*, assim como o *“jardim”* em Cântico dos Cânticos 4:16, representa o corpo da sulamita (a irmã deles), o qual foi preservado apenas para o marido dela, e não foi entregue a outros além dele. O valor pago àqueles que guardaram o *“fruto”* se refere à honra dada aos irmãos que protegeram a virgindade da sua irmã.

O nome de Salomão voltou a ser mencionado, tendo sido mencionado também em Cântico dos Cânticos 1:1; 8:12. A moeda de prata, ou siclo, era a unidade de prata pura que pesava cerca de 11,4 gramas. *“Baal-Hamom”* é um lugar não identificado cujo nome significa *“dono de riqueza”*.

8:12 – A esposa voltou a falar e afirmou que a *“vinha”* que a pertence (o corpo dela) estava sob seus cuidados, ou seja, ela reafirmou que era madura e sabia o que queria. Ela entregou o valor total da vinha (*“mil moedas”* ou siclos) para Salomão – assim, Salomão era o marido dela. Aqueles que guardaram *“o fruto dela”* eram os irmãos da sulamita, os quais protegeram a virgindade dela enquanto ela não era casada. Assim, as duzentas moedas ou siclos representam a honra devida aos irmãos porque zelaram por ela. No entanto, como mulher casada, a sulamita sabia como cuidar de si mesma, dispensando os cuidados dos irmãos. Ela se entregou ao rei Salomão como sua esposa. Os irmãos tiveram sua parcela de honra, mas Salomão teve o valor total, isto é, passou a ser o encarregado da *“vinha”* – a própria esposa.

Cântico dos Cânticos 8:13-14: *“{8:13} Você, que habita nos jardins, os meus companheiros querem ouvir a sua voz! Eu também quero ouvi-la. {8:14} Venha depressa, meu amado, correndo como um gamo ou um filho da gazela sobre os montes perfumados.”*

8:13 – Os dois últimos versículos de Cântico dos Cânticos são dois breves solos, um do esposo e outro da esposa. O cântico encerrou com a constante busca do marido pela companhia da esposa e pelo convite sempre aberto da parte da esposa para seu esposo. O amor do casal é para a vida toda. Esse versículo foi a participação final do marido no cântico.

O “jardim” denota um lugar de deleites físicos, constituindo uma metáfora adequada do corpo da esposa (Cântico dos Cânticos 4:12,16; 5:1; 6:2,11). O esposo já tinha dito antes para ela “*deixe-me ouvir a sua voz; porque a sua voz é doce*” em Cântico dos Cânticos 2:14 e repetiu o pedido, como ele fazia na época do noivado, uma vez que o amor do casal foi reacendido e estava com a intensidade de como era no início. Tanto o marido como seus amigos gostavam muito da voz da sulamita e queriam ouvi-la. Era hora de ela retornar à vida rotineira da cidade grande com ele, mas agora com o amor renovado.

8:14 – Esse versículo foi a participação final da esposa, encerrando o Cântico dos Cânticos. Anteriormente, ela já havia comparado o rei ao “*gamo*” (Cântico dos Cânticos 2:9), uma figura apropriada para o vigor da juventude (Isaías 35:6), e à “*gazela*” (Cântico dos Cânticos 2:9), conhecida por sua beleza e forma, e também pelo seu modo de saltar graciosamente. Ela também voltou a falar de seu marido como na época no noivado, assim como ele fez no versículo anterior (Cântico dos Cânticos 8:13), uma vez que o amor do casal foi reacendido com a mesma intensidade que tinha no início. A expressão que descreve o esposo saltando “*sobre os montes perfumados*” é uma metáfora que denota o desejo da esposa que seu marido continue a usufruir dos deleites que ela pode oferecer a ele.

Comentários sobre mudanças depois de casar são comuns, especialmente aqueles que dizem que a “lua de mel” acabou. O cântico falou das mudanças nas características do amor, mostrando que a segurança no casamento envolve muito mais do que simplesmente a paixão inicial. A linguagem que descreve o amor e o prazer ao longo da vida do casal evoca a advertência contra o adultério em Provérbios 5:15-19: “*Beba a água da sua própria cisterna e das correntes do seu poço. Por que você derramaria as suas fontes lá fora, e os seus ribeiros de água pelas praças? Que sejam para você somente e não para os estranhos que estão com você. Seja bendito o seu manancial, e alegre-se com a mulher da sua mocidade, corça amorosa e gazela graciososa. Que os seios dela saciem você em todo o tempo; embriague-se sempre com as suas carícias.*” O marido deve procurar o prazer íntimo apenas na sua própria esposa durante toda a vida, e o mesmo se aplica à esposa para seu marido.

3. REFERÊNCIAS

Este estudo foi realizado com informações adaptadas das fontes a seguir:

- Estudo completo de Cântico dos Cânticos, de Dennis Allan;
- www.estudosdabiblia.net;
- www.biblehub.com;
- Bíblia Digital Glow;
- Bíblia de Estudo Arqueológica NVI;
- Bíblia de Estudo King James Atualizada.